



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – NPGeo
MESTRADO EM GEOGRAFIA

ALINE HONORIO ARAUJO DA SILVA GOMES

**TERRITÓRIO E IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DA
SOCIOESPACIALIDADE NO POVOADO SAPÉ – ITAPORANGA
D'AJUDA/SE**

São Cristóvão (SE)
2014

ALINE HONORIO ARAUJO DA SILVA GOMES

**TERRITÓRIO E IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DA
SOCIOESPACIALIDADE NO POVOADO SAPÉ – ITAPORANGA
D’AJUDA/SE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Augusta Mudim Vargas

São Cristóvão (SE)
2014

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

G633t Gomes, Aline Honorio Araujo da Silva
Território e identidade : a construção da
socioespacialidade do povoado Sapé – Itaporanga
d’Ajuda/SE / Aline Honorio Araujo da Silva Gomes ;
orientadora Maria Augusta Mudim Vargas. – São Cristóvão,
2014.

131f. : il.

Dissertação (mestrado em Geografia) – Universidade
Federal de Sergipe, 2014.

1. Geografia humana. 2. Territorialidade humana. 3.
Identidade. 4. Multiterritorialidade. 5. Itaporanga d’Ajuda
(SE). I. Vargas, Maria Augusta Mudim, orient. II. Título.

CDU 911.372.2(813.7)

ALINE HONORIO ARAUJO DA SILVA GOMES

**TERRITÓRIO E IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DA SOCIOESPACIALIDADE NO
POVOADO SAPÉ – ITAPORANGA D’AJUDA/SE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em 27 /02 / 2014

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria Augusta Mundim Vargas (Orientadora)
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dra. Ângela Fagna Gomes de Souza (Examinador Externo)
Universidade Federal de Alagoas

Prof^a. Dr^a. Sônia Mendonça Menezes (Examinador Interno)
Universidade Federal de Sergipe

Dedico este trabalho ao meu filho, por ser o maior e mais verdadeiro amor da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao meu senhor Oxalá, Epa Bàbá, por estar sempre conduzindo meus passos e endireitando meus caminhos. A minha força dos ventos e todas as outras forças que me sustentam e me fazem perceber que não devo desistir dos meus sonhos.

Ao meu filho, meu amor, pedaço de mim. Estamos conectados pela eternidade!

A minha prima Larissa, por ser minha irmã de todas as horas, perto ou longe.

Aos meus pais, irmãos, avós, tios e primos, pela torcida, mesmo de longe, pois sei que os laços de sangue são fortes e o amor pode superar barreiras.

A minha segunda família, meu ilê, pelo apoio nos momentos mais difíceis!

Vocês caminharam comigo, cada um de vocês, minha mãe, meu pai e cada um dos meus irmãos. Se hoje tenho armas pra lutar pelos meus sonhos é porque vocês me ensinaram a manuseá-las!

Ao grupo de pesquisa Sociedade & Cultura e cada um dos seus integrantes, que fez parte desse percurso, desde a preparação para a seleção do mestrado, durante as fases mais difíceis e nos momentos finais! Cada um de vocês que sempre me desejou força!

Aos meus amigos Jorgenaldo, Roseane, Vanessa, Iguaraci, Fábio Henrique, Fabinho, Jamile, Alberlene, Lucivalda, Leônidas e Layane, que acompanharam bem de perto minha agonia, minha luta e me deram muito apoio. Ninguém vive nesse mundo sem apoio de amigos!

Agradeço o apoio e o carinho de amigos como Serginho, Rosana Batista, Marcelle Melo, Sara Ferreira, Sônia, Paula Regina, professor Genésio, aos colegas, professores e funcionários do NPGE. Ao professor Hinaldo, pelos lindos mapas que elaborou, contribuindo com essa pesquisa.

Aos meus queridos colegas de trabalho e alunos da Escola Maria das Graças e Escola Manoel Bomfim, que também torceram por mim! Muito obrigada!

Agradeço as queridas professoras Dra. Sônia Menezes e Angela Fagna, que não só fazem parte da minha trajetória como, de modo especial, aceitaram o convite de compor a banca.

Em especial, também agradeço a comunidade do Sapé, a minha linda aluna Luciana, professoras Adriana, Ivanilde, Jadna e Nide, pelo apoio nos trabalhos de campo e pelas informações fornecidas. A cada aluno e morador que participou dessa pesquisa, minha profunda emoção e gratidão!

Ao povo de Itaporanga D'Ajuda, que financiou os anos que me mantive afastada, com licença remunerada, para cursar este mestrado. Quero retribuir em forma de trabalho e profundo amor que tenho pelo povo dessa terra.

A minha querida orientadora! Guta, eu não desisti porque a senhora não desistiu de mim! Obrigada pelo amor, carinho, palavras de incentivo, broncas, conselhos! Faltam-me palavras e as lágrimas expressam minha emoção ao refletir na doçura de ser humano que a senhora é! Um exemplo de professora, que olha nos olhos e enxerga a alma do aluno! Uma referência de vida para mim! Eu amo muito você! A senhora faz parte do livro da minha vida! Muito obrigada, do fundo do meu coração! Essa conquista é nossa!

RESUMO

As pequenas comunidades rurais apresentam um cotidiano rico em vivências. As pessoas comumente criam raízes e se identificam com o território onde nasceram, moram, trabalham, possuem famílias ou amigos. Os habitantes de um povoado compartilham hábitos, guardam símbolos, percepções e representações os quais são vivenciados no cotidiano e nos lugares de encontro como a igreja, a escola, a praça e as festas tradicionais. A geografia também se dedica ao estudo do sentido dos lugares, buscando verificar como os indivíduos percebem e sentem os lugares onde vivem e constroem. Selecionamos o povoado Sapé, localizado na porção Noroeste do município de Itaporanga D'Ajuda, como objeto de nossa análise. A pesquisa visou conhecer de perto, através dos alunos e suas famílias, a construção da socioespacialidade no povoado Sapé. Foram objetivos específicos do projeto contextualizar a construção do povoado Sapé; identificar a percepção da população nascida, criada e residente no território; verificar o conhecimento e o reconhecimento da população sobre o território; averiguar que sentimentos a população demonstra acerca da localidade; analisar a construção social do território e as perspectivas da população quanto ao futuro do território. A abordagem fundamenta-se na perspectiva humanista e cultural da geografia, calcada nas filosofias do significado, especialmente a fenomenologia e o existencialismo. O método utilizado foi o qualitativo, o qual busca interpretar, descrever a complexidade das ações humanas, possibilitar o contato direto e prolongado do pesquisador com seu objeto de estudo. Através de instrumentos metodológicos como a observação, entrevistas, os mapas mentais e levantamento fotográfico, buscamos desvelar as percepções da população nascida, criada e residente no território. Os mapas mentais e entrevistas foram aplicados a 60 estudantes do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental da E.M. Prof. Nilson Barreto Socorro, residentes no povoado, e a 22 familiares desses alunos. O Sapé revelou-se um território híbrido formado por atores sociais que interagem socioespacialmente, o constroem e reconstroem, com múltiplas territorialidades. Os habitantes, mesmo em face dos avanços tecnológicos e da mobilidade atual, nutrem por ele sentimentos de topofilia e de pertencimento, preservando tradições e ancorando geossímbolos.

Palavras-chave: Território, Identidade, Territorialidade, Multiterritorialidade.

ABSTRACT

Small rural communities have rich experiences in everyday life . People commonly create roots and identify with the territory where they were born , live, work , have families or friends . The inhabitants of a village share habits , keep symbols , perceptions and representations which are experienced in daily life and in meeting places such as church, school , square and traditional festivals . The geography is also dedicated to the study of the meaning of places, seeking out how individuals perceive and feel the places where they live and build . Selected the Sapé village, located in the Northwest portion of the city of Itaporanga D'Ajuda , as the object of our analysis . The research aimed to know closely by the students and their families , the construction of the village socioespacialidade Sapé . Specific project objectives were contextualize the construction of the village thatch ; identify the perception of the population born , created and residing in the territory ; verify the knowledge and recognition of the population over the territory ; ascertain the population demonstrates that feelings about the city ; analyze the social construction territory and population perspectives on the future of the territory . The approach is based on humanistic and cultural perspective of geography , based on the philosophies of meaning , especially phenomenology and existentialism . The method used was qualitative , which seeks to interpret, describe the complexity of human actions , enabling the direct and prolonged contact between the researcher and the research object . Through methodological tools such as observation , interviews , mental maps and photographic survey , we seek to uncover the perceptions of the population born , created and residing in the territory . Mental maps and interviews were applied to 60 students from the 6th and 7th year of elementary school of Prof. Nilson Barreto Socorro , resident in the village , and 22 families of these students . The Sapé proved a hybrid territory composed of social actors interacting socioespacialmente the build and rebuild with multiple territories . The inhabitants , even in the face of technological advances and the current mobility , nourish feelings for him topophilia and belonging , preserving traditions and anchoring geossímbolos .

Keywords : Territory , Identity , Territoriality , Multiterritorialidade .

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	O nascimento da pesquisa.....	15
Figura 02	Mapa mental Sapé – perspectiva frontal e vertical	46
Figura 03	Mapa mental – perspectiva frontal.....	47
Figura 04	Mapa mental – predominância da perspectiva frontal.....	48
Figura 05	Representação da estrada do Sapé.....	49
Figura 06	Representação da estrada do Sapé.....	49
Figura 07	Mapa de Itaporanga D’Ajuda.....	59
Figura 08	Sapé: estrada municipal que “corta” o povoado Sapé.....	63
Figura 09	Sapé: Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro.....	64
Figura 10	Sapé: paisagem urbana - ruas pavimentadas e casas de alvenaria.....	64
Figura 11	Sapé: posto de saúde.....	65
Figura 12	Sapé: igreja católica.....	66
Figura 13	Sapé: igreja presbiteriana.....	66
Figura 14	Sapé: campos e quadra de esporte.....	67
Figura 15	Sapé: clube e centro comunitário.....	67
Figura 16	Sapé: praça, bar e lanchonete.....	68
Figura 17	Festa de Nossa Senhora Santana: concentração de pessoas em frente à igreja.....	69
Figura 18	Início da procissão de N. S. Santana.....	70
Figura 19	Crianças na procissão.....	70
Figura 20	Sapé: andor da padroeira.....	71
Figura 21	Pagamento de promessas na procissão da padroeira.....	72
Figura 22	Pagamento de promessas na procissão da padroeira.....	72
Figura 23	Trio elétrico a frente da procissão da padroeira.....	72
Figura 24	Autoridades municipais.....	73
Figura 25	Sapé: mudanças na paisagem durante a festa da padroeira.....	73
Figura 26	Nossa Senhora Santana sendo trazida ao altar.....	74
Figura 27	Sapé: mapa mental – estrada <i>lan house</i> e outros.....	78
Figura 28	Sapé: representação dos meios de transporte.....	80
Figura 29	Sapé: representação dos meios de transporte.....	81
Figura 30	Sergipe – deslocamentos dos moradores do Sapé.....	83
Figura 31	Brasil – deslocamentos dos moradores do Sapé.....	84

Figura 32	Sapé: elementos fixos e localizações.....	87
Figura 33	Sapé: redes visíveis e invisíveis.....	88
Figura 34	Sapé: elementos significativos do Sapé.....	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Tempo de residência do entrevistado no povoado.....	44
Gráfico 02	Faixa etária dos entrevistados.....	44
Gráfico 03	Local de nascimento dos entrevistados.....	52
Gráfico 04	Local de nascimentos dos pais do entrevistado.....	53
Gráfico 05	Residência atual os pais do entrevistado.....	53
Gráfico 06	Local de nascimento dos irmãos do entrevistado.....	55
Gráfico 07	Residência atual dos irmãos do entrevistado.....	55
Gráfico 08	Local de nascimento dos filhos do entrevistado.....	56
Gráfico 09	Residência atual dos filhos do entrevistado.....	56
Gráfico 10	Meios de comunicação.....	78
Gráfico 11	Deslocamentos.....	79
Gráfico 12	Motivação dos deslocamentos.....	81
Gráfico 13	Cotidiano dos moradores do Sapé.....	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Categorias de análise.....	38
Quadro 02	Forma de representação.....	45
Quadro 03	Categorias de análise e observações.....	50
Quadro 04	Especificidade dos ícones (Mapas mentais).....	91
Quadro 05	Especificidade dos ícones (Entrevistas).....	92

LISTA DE APÊNDICE

Apêndice A	Roteiro de entrevista na escola do Sapé.....	104
Apêndice B	Roteiro de entrevista moradores do Sapé.....	105
Apêndice C	Matriz.....	108

SIGLAS

DESO	Companhia de Saneamento de Sergipe
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NPGeo	Núcleo de Pós Graduação em Geografia
SEPLAN	Secretaria de Estado de Planejamento e Orçamento

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE E TERRITORIALIDADE.....	20
1.1 Território.....	21
1.2 Identidade.....	26
1.3 Territorialidade.....	30
2. METODOLOGIA.....	33
2.1 O método.....	34
2.2 Percepção.....	35
2.3 Pesquisa qualitativa.....	36
2.4 Estudo de caso.....	37
2.5 Instrumentais de pesquisa.....	38
• Revisão da literatura.....	38
• Mapas mentais e representação do espaço.....	39
• Pesquisa de campo.....	40
• Amostra.....	43
• Tratamento das informações.....	45
• Perfil dos entrevistados.....	51
2.6 Área de estudo.....	57
2.6.1 O município de Itaporanga D’Ajuda.....	57
2.6.2 O povoado Sapé.....	58
3. RESULTADO E DISCUSSÃO.....	76
3.1 Território híbrido e Multiterritorialidade.....	77
3.2 Território e paisagem: sistemas e símbolos.....	87
3.3 Identidade territorial.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
BIBLIOGRAFIA.....	100
APÊNDICES.....	103

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

As pequenas comunidades rurais apresentam um cotidiano rico em vivências, nas quais os habitantes se conhecem pelo nome e muitos mantêm laços de parentesco. As pessoas comumente criam raízes e se identificam com o território onde nasceram, moram, trabalham, possuem família ou amigos (CLAVAL, 2008, p. 17).

Os habitantes de um povoado compartilham hábitos, guardam símbolos, percepções e representações os quais são vivenciados no cotidiano e nos lugares de encontro como a igreja, a escola, a praça e as festas tradicionais.

O povoado Sapé localiza-se na porção Noroeste do município de Itaporanga D'Ajuda, o qual está inserido no Território da Grande Aracaju. É atravessado pela rodovia estadual SE-265, denominada Rodovia Arnaldo Garcez, popularmente conhecida como “estrada do Sapé”, a qual é uma das vias de acesso ao município de Lagarto.

O clima predominante é o tropical, associado as demais condições naturais da região, próxima ao litoral sul sergipano, com resquícios de mata Atlântica e elevada pluviosidade anual. O nome do povoado, segundo moradores mais velhos, tem origem de uma espécie de capim encontrado na localidade. As condições naturais presentes naquele povoado proporcionaram o desenvolvimento de atividades agropecuárias como a criação de gado e o cultivo de raízes, hortaliças e árvores frutíferas. Uma das fazendas mais extensas do Sapé cultivava a laranja que é utilizada por uma indústria de sucos da região.

O contato com estudantes da Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro, desde 2007, situada no povoado Sapé, instigou-nos ao estudo de pequenas comunidades. A escola é a única instituição de ensino do povoado e conta com aproximadamente 700 alunos do Sapé e povoados vizinhos, distribuídos em 3 turnos e turmas do 1º ao 9º ano, incluindo turmas da EJA (Educação de Jovens e Adultos).

O desejo de pesquisar o Sapé surgiu da nossa convivência como professora do ensino fundamental maior, nessa escola, especialmente na observação de um fato que ocorreu numa manhã, no ano de 2009. Houve uma

comoção entre alunos e professoras, nascidos, criados e residentes no Sapé. Observamos que eles saíram das salas de aula, alguns portando celulares com câmeras fotográficas, a fim de registrar a derrubada de uma árvore que localizava-se na frente da escola.

Segundo a defesa civil, a árvore, por ser muito velha, poderia cair em cima da escola, a qualquer momento, e ocasionar danos materiais e humanos. Porém, apesar de estarem cientes dos perigos, os alunos e professoras que mencionamos ficaram comovidos com a cena das moto serras cortando a grande árvore. Neste momento, nos aproximamos do local e também registramos o corte da árvore, questionando aos alunos e professoras a razão de tanta comoção, uma vez que sabiam dos perigos da permanência daquela árvore, em frente à escola.

Figura 1 – O nascimento da pesquisa



Fonte: Observação de campo, 2009.
Organização: GOMES, A.H.A.S.

Cada um foi apresentando razões ligadas às memórias, vivências em torno daquela árvore, lembranças que vieram à tona enquanto ela era cortada. Nesse instante percebemos a importância daquele momento, pois um marco, um resquício da história, das memórias daquela comunidade, estava desaparecendo da paisagem.

Como professora de geografia da escola vislumbramos um campo de estudo nesse universo e assim a pesquisa buscou conhecer de perto, através dos

alunos e suas famílias, a construção da socioespacialidade no povoado Sapé, assim como a percepção e sentimentos da população nascida, criada e residente nesse território.

A socioespacialidade resulta da construção do território, da territorialidade e da identidade. Os indivíduos que lá residem são fundamentais na configuração daquele território, na medida em que se apropriam e modificam seus espaços cotidianos. Essa apropriação tanto pode ser concreta como abstrata.

Com essa aproximação, a pesquisa fundamentou-se na perspectiva humanista e cultural da geografia, a qual, segundo Corrêa (2002, p.30) está “calcada nas filosofias do significado, especialmente a fenomenologia e o existencialismo”. A abordagem humanista retoma a matriz historicista e valoriza a experiência dos indivíduos, buscando compreender o mundo real. Tal abordagem vem merecendo atenção de geógrafos, sobretudo após meados do século XX, com a produção de estudos sobre a percepção e os sentimentos de grupos e comunidades, suas identidades e territorialidades.

Segundo Haesbaert (2008), numa perspectiva “integradora”, toda geografia é cultural e não haveria espaço produzido que não fosse por meio da cultura dos indivíduos.

Assim, fica fácil depreender que, numa determinada perspectiva, “toda Geografia é Geografia Cultural”, na medida em que não há espaço produzido que não o seja através da cultura dos grupos que o constituem, seja no sentido mais amplo ou lato de cultura – como o conjunto de relações que nos distinguem e ao mesmo tempo compõem nossa interação com uma (primeira) “natureza”-, seja no sentido mais estrito – como tudo aquilo que se refere à produção de significados, à dimensão simbólica do mundo (HAESBAERT, 2008, p. 396).

De acordo com Claval (2008, p.20) a “abordagem cultural como estudo da experiência vivida” foi popularizada com Yi-Fu-Tuan, Edward Relph e Anne Buttimer. Nessa abordagem valoriza-se a experiência do indivíduo, tornando-se possível “compreender uma situação através de um romance e o ambiente de um lugar através de um quadro”.

Num mundo que se propaga globalizado percebe-se que muitos lugares mantêm características peculiares. As pessoas elegem símbolos e se identificam com os lugares onde vivem, principalmente quando conhecem/preservam sua história, tradições e marcos. Outras vivenciam múltiplas territorialidades, as quais

estão articuladas ao território vivido e a espaços estrangeiros, seja de modo sucessivo ou instantâneo.

Segundo Souza (2002), de acordo com a perspectiva da tradicional geografia política, um grupo social ocupa determinado espaço, cria raízes e identidade, passando a ser compreendido em função deste território.

A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode ser mais compreendido sem seu território, no sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, “paisagem”) (SOUZA, 2002, p. 84).

Pelo exposto apreende-se a relevância deste trabalho na medida em que os lugares têm história, a qual necessita ser preservada a fim de ser difundida para as gerações presentes e futuras. A partir do conhecimento/resgate da história, cultura, símbolos e tradições do lugar onde vivem espera-se que seus habitantes o valorizem ainda mais, pois a reconstrução mental proporciona o resgate de valores de pertencimento e identidade que em última instância modificam suas relações com o lugar e entre eles.

A pesquisa se propõe a focar o modo como os habitantes do território em pauta o percebem e que sentimentos demonstram ter por ele, uma vez que as vivências e percepções variam, não apenas de uma pessoa para outra, assim como de um determinado período para o outro. Conforme Rocha (2003, p. 88) “cada pessoa vê o fenômeno de acordo com o repertório que cada um tem, de acordo com sua experiência de vida em seu espaço.” E, conforme Claval (2008, p. 28), essa abordagem cultural tende a reencontrar o social, uma vez que as sociedades convivem em “espaços concretos”.

Assim como nós, alguns professores da escola municipal do povoado não residem na localidade ou no município, sendo oriundos da capital e de outros municípios. É importante que tais educadores tenham acesso a um documento como este, fato que poderá contribuir ricamente em suas práticas pedagógicas, privilegiando uma pedagogia que aproxima o professor da realidade do educando e do entorno onde está inserido.

Acrescenta-se que, uma pesquisa como esta tem relevância para o município de Itaporanga D’Ajuda, bem como para Sergipe, onde se registra um

fragmento da cultura/história tanto do município quanto do estado, sob a perspectiva dos habitantes do povoado.

Assim, as questões de pesquisa surgiram em decorrência da nossa experiência como professora do ensino fundamental maior na Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro e, portanto, da nossa convivência com a comunidade do povoado Sapé. De pronto questionamos qual a contribuição da população sobre o estudo do espaço vivido e percebido? Desdobraram-se outras questões relacionadas à organização e ao ordenamento de concepções, enfim, ao entendimento e à apreensão da realidade, mas igualmente, delimitadoras de nossa pesquisa.

Entendendo que é a partir do conhecimento, da percepção e da concepção da realidade que se pode apreender a socioespacialidade, interessou-nos desvendar a percepção da população nascida, criada e residente na localidade, sobre a construção do povoado. As formas de expressão e materialização de suas vivências são múltiplas, mas buscamos apreender quais sentimentos a população demonstra acerca de seu espaço vivido, de sua localidade, de sua realidade.

As dimensões material e simbólica evidenciam territórios e, quando a dimensão simbólica se sobrepõe à de uma realidade mais concreta, prevalecem sentimentos de pertencimento e identidades o que nos remete ao desvelamento dessa construção no povoado Sapé como questão transversal que perpassa a percepção e às formas de apreensão da realidade vivida.

De forma geral intencionamos avaliar a percepção, os sentimentos e as perspectivas que a população do povoado Sapé possui sobre o seu território. Também buscamos contextualizar a construção do espaço do povoado Sapé e identificar a percepção da população nascida, criada e residente no território.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos. Na introdução apresentamos as justificativas da pesquisa, bem como os objetivos. No primeiro capítulo apresentamos a fundamentação teórica, a qual aborda três categorias basilares dessa pesquisa: território, identidade e territorialidade.

A metodologia é exposta no segundo capítulo, revelando o método utilizado, o tipo da pesquisa, os instrumentais, a amostra, o tratamento dos dados, o perfil dos entrevistados e a caracterização da área de estudo. No terceiro capítulo

expomos os resultados e reflexões da pesquisa, dialogando com a fundamentação teórica.

Nas considerações finais, retomamos os objetivos da pesquisa e a fundamentação teórica, apresentando nossa leitura das percepções e representações dos habitantes do povoado Sapé.

CAPÍTULO 1
TERRITÓRIO, IDENTIDADE E
TERRITORIALIDADE

1.1 TERRITÓRIO

Vivemos num mundo de intensa mobilidade e de hibridização cultural, segundo Haesbaert (2008), o que nos faz refletir sobre o conceito de território e sua construção. Os lugares não se encontram desconectados e as pessoas vivenciam experiências cotidianas cada vez mais associadas aos meios de transporte e comunicação atuais.

Consideramos relevante fazer um retrospecto do conceito de território, a fim de esclarecer nosso percurso de compreensão e reflexão dessa categoria, até chegar a abordagem que utilizamos, segundo Haesbaert (1999, 2006, 2007, 2008), a qual não exclui e não descarta estas formas de pensar, expostas a seguir.

No séc. XIX, Ratzel apresenta-nos, numa visão geográfica influenciada por seu engajamento no projeto estatal alemão, que é a sociedade que cria o Estado com o intuito de defender o seu território, do qual obtém suas condições de sobrevivência. Neste sentido surgiu o conceito de “espaço vital”, referindo-se ao território de um povo.

Para Ratzel, o território representa as condições de trabalho e existência de uma sociedade. A perda de território seria a maior prova de decadência de uma sociedade. Por outro lado, o progresso implicaria a necessidade de aumentar o território, logo, de conquistar novas áreas (MORAES, 1999, p. 56).

Na evolução do pensamento geográfico o determinismo do território de Ratzel mostra-se restrito e outros atributos são incorporados para seu estudo e compreensão. Para Raffestin (1993), o espaço é anterior ao território e constitui a base de sua formação. O território pode ser apropriado tanto de forma concreta quanto abstrata, pelos atores sintagmáticos.

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Dentre os atores sintagmáticos que produzem o território, são apresentados: O Estado, as empresas, as organizações e os indivíduos. Sendo assim, “em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem ‘territórios’” (RAFFESTIN, 1993, p. 152).

Com base nesse raciocínio, o povoado Sapé foi sendo construído, ao longo do tempo, conforme a atuação de diferentes atores, a exemplo do Estado, quando da criação da rodovia estadual, na década de 1940, que atravessa o povoado, a construção de casas e a pavimentação de ruas. Os indivíduos que lá residem também são fundamentais no processo de configuração daquele território, na medida em que se apropriam e modificam seus espaços cotidianos. Esta apropriação tanto pode ser concreta quanto abstrata. Desse modo, podemos perceber um dos aspectos da socioespacialidade, nesse processo de estruturação do Sapé, conforme a ação desses atores.

Souza (2002, p. 96), em concordância com Raffestin (1993, p. 143), afirma que “o espaço é anterior ao território”. Porém ele salienta que o território existe enquanto o homem estiver presente.

Sem dúvida, sempre que houver homens em interação com um espaço, primeiramente transformando a natureza (espaço natural) através do trabalho, e depois criando continuamente valor ao modificar e retrabalhar o espaço social, estar-se-á também diante de um território, e não só de um espaço econômico: é inconcebível que um espaço que tenha sido alvo de valorização pelo trabalho possa deixar de estar territorializado por alguém. Assim como o poder é onipresente nas relações sociais, o território está outrossim, presente em toda a espacialidade social – ao menos enquanto o homem estiver presente (SOUZA, 2002, p. 96).

Embora o território se forme a partir do espaço, Raffestin *op. cit.* ressalta que ele não é o espaço, mas uma produção a partir dele. Essa produção se realiza num campo de poder, ou seja, de apropriação ou dominação.

Quando um ator produz uma representação do espaço, numa visão particular e, conseqüentemente, egocêntrica, está se apropriando do espaço. Por trás das representações pode haver diferentes objetivos e intenções.

Não se trata pois do “espaço”, mas de um espaço construído pelo ator, que comunica suas intenções e a realidade material por intermédio de um sistema sêmico. Portanto, o espaço representado não é mais espaço, mas a imagem do espaço, ou melhor, do território visto e/ou vivido. É, em suma, o espaço que se tornou o território de um ator, desde que tomado numa relação social de comunicação (RAFFESTIN, 1993, p. 147).

Nessa perspectiva, para o mesmo autor, o território é constituído por um sistema de malhas, de nós e redes impressos no espaço. Esse sistema é construído com base em práticas socioespaciais, as quais produzem o território.

Tessituras, nós e redes podem ser muito diferentes de uma sociedade para outra, mas estão sempre presentes. Quer sejam formados a partir do princípio da propriedade privada ou coletiva, nós os encontramos em todas as práticas espaciais (RAFFESTIN, 1993, p. 151).

As tessituras estão ligadas ao sentido de limite que um grupo mantém com uma área ou uma porção do espaço, com base em determinados objetivos, que podem ser para otimizar a vida cotidiana da população ou controlar a população. Assim, verificamos os limites que os moradores do Sapé foram construindo, tanto no sentido da totalidade do povoado em relação aos povoados vizinhos, quanto em determinadas porções dessa totalidade, na delimitação de suas próprias residências, propriedades rurais e dos espaços públicos (praças, campos de futebol, quadra de esporte, lavanderia).

Os pontos “simbolizam a posição dos atores” (RAFFESTIN, 1993, p. 156), os fixos ou localizações. Desse modo, cada residência ou uma determinada empresa são exemplos dos fixos que podemos verificar no Sapé. As redes são criadas mediante as relações estabelecidas entre os atores que, nesse sentido, podem ser visíveis, como as estradas que ligam o povoado a Lagarto e a outros povoados vizinhos (Colônia Sapé, Chan e Tapera) e invisíveis, como as conexões via internet e celulares com outros lugares.

Os sistemas de objetivos e de ações, conhecimentos e práticas elencados pelo autor, os quais conferem imagens variadas aos territórios são: econômicos, políticos, sociais e culturais. Para o autor “as ‘imagens’ territoriais revelam as relações de produção e conseqüentemente as relações de poder, e é decifrando-as que se chega à estrutura profunda” (RAFFESTIN, 1993, p. 152).

Um sistema territorial é passível de análise e embora sua produção possibilite transformações, também apresenta aspectos fixos, ou seja, ligados à produção já elaborada. Portanto, para Raffestin (1993), o sistema territorial denota um território e conota uma ideologia da organização, e é produto e meio de produção.

Diante das possibilidades decorrentes dos sistemas de objetos e ações, Bonnemaïson (2002, p. 91) nos inspirou a pensar sobre a socioespacialidade no povoado Sapé; sobre as relações estabelecidas entre a população e o seu território. O autor menciona um estudo de Gilles Sautter (1979), o qual afirma que há uma ‘convivência secreta’ entre os homens e suas paisagens. Segundo este, não se

consegue apreender essa interação socioespacial de modo racional, científico, dissecador e classificador: “A correspondência entre o homem e os lugares, entre uma sociedade e sua paisagem, está carregada de afetividade e exprime uma relação cultural no sentido amplo da palavra”.

De modo sutil Bonnemaison *op. cit.* nos revela um roteiro de pesquisa, um modo especial de ver uma dada sociedade em seu espaço; de buscar compreender o olhar que o habitante tem do seu espaço vivido. Ele nos convida a viajar entre os habitantes de um lugar, buscando sua linguagem, costumes e modos de existência, ou seja, buscando decifrar essa ‘convivência secreta’.

O primeiro reflexo visual da relação socioespacial, estabelecida entre um grupo social e o seu território, é a paisagem. Porém, permanecem invisíveis aspectos ligados a afetividade, atitudes mentais e representações culturais.

Desse modo nos questionamos sobre o que une os habitantes do Sapé a este povoado? Como se dá a construção da socioespacialidade naquele lugar?

Para Bonnemaison (2002), o espaço estudado pelos geógrafos está dividido em três níveis: o espaço estrutural ou objetivo; o espaço vivido e o espaço cultural.

O espaço estrutural ou objetivo resulta das finalidades, funções e nível tecnológico de uma determinada sociedade. O povoado Sapé apresenta este nível de espaço, resultado das interações sociais com o meio natural, mais uma vez nos fazendo refletir sobre a construção da socioespacialidade. A estrutura resultante das interações sociais estabelecidas são refletidas pelas paisagens desse território.

O espaço vivido está ligado ao reconhecimento e a familiaridade da vida cotidiana. É no cotidiano do povoado Sapé que seus moradores revelam os sentidos e significados daquele território para suas vidas.

O espaço cultural engloba e transcende o espaço vivido. Para Bonnemaison (2002, p.110), não pode haver grupos coerentes sem um território-portador. Por outro lado, territórios, lugares e paisagens só podem ser compreendidos levando-se em consideração a cultura.

A reflexão sobre a cultura leva a aprofundar o papel do simbólico no espaço. Os símbolos ganham força e realce quando se encarnam em lugares. O espaço cultural é um espaço geossimbólico, carregado de afetividade e significações: em sua expressão mais forte, torna-se território-santurário, isto é, um espaço de comunhão com um conjunto de signos e de valores (BONNEMAISON, 2002, p. 111).

Portanto, os grupos sociais existem pela ligação que estabelecem com um território. Algumas vezes esses grupos reconstituem seus territórios quando encontram-se distantes deles, ancorando geossímbolos e buscando reconstituir o espaço vivido que lhes era familiar.

O território e a cultura apresentam tanto o sentido de duração quanto o de realidade móvel e conjuntural. O território é uma realidade histórica e representa um sistema e um símbolo.

Espaço vivido por meio de uma certa visão e sensibilidade cultural, o território se constrói, ao mesmo tempo, como um sistema e um símbolo. Um sistema porque ele se organiza e se hierarquiza para responder às necessidades e funções assumidas pelo grupo que o constitui. Um símbolo porque ele se forma em torno de pólos geográficos representantes dos valores políticos e religiosos que comandam sua visão de mundo (BONNEMAISON, 2002, p. 106).

Nessa perspectiva, compreendemos que o conceito de território deva incluir os aspectos estruturais, que Bonnemaïson (2002) denomina de sistema, levando em consideração tudo o que visa colaborar com a organização da vida cotidiana dos grupos sociais, bem como os simbólicos, ligados aos valores que influenciam na visão de mundo desses grupos.

Todavia para Haesbaert (2002), o fechamento, o controle e os enraizamentos dos territórios convivem com a mobilidade, a fluidez e os desenraizamentos. A definição de território para o autor (2007) parte da concepção de espaço como um híbrido. Neste sentido, engloba a sociedade, a natureza, a política, a economia, a cultura, a materialidade e a idealidade, incluindo uma complexa interação tempo-espaço. Esse conceito pode ser compreendido pela agregação de múltiplas relações de poder, desde as de ordem econômico-políticas até as simbólicas.

Para o mesmo autor, toda relação social implica uma interação territorial, desde o nível individual até os mais abrangentes. Esta interação, na atualidade, mais do que em outras épocas, se dá de modo simultâneo.

No Sapé visualizamos a multiterritorialidade pela articulação de territórios de modo sucessivo, que exige a mobilidade física, a exemplo das viagens realizadas pelos moradores por necessidades variadas (saúde, compras, lazer, etc.) e a migração pendular em virtude do trabalho ou estudos, bem como a mobilidade

simultânea, proporcionada pelos atuais meios de comunicação, como os celulares e a internet.

A mobilidade e conexões das pessoas com outros territórios, de modo sucessivo ou simultâneo, nos leva novamente a refletir sobre o conceito de território, cada vez mais caracterizado pela flexibilidade do mundo pós-moderno.

Embora de modo distinto, conforme as condições de vida e idade de cada morador, incluindo a distinção de gênero, podemos observar interações territoriais mais fechadas e outras mais abrangentes. Por exemplo, mulheres, acima dos 40 anos, cujo cotidiano quase se restringe aos afazeres domésticos e a atividades dentro dos limites territoriais do povoado e/ou município, bem como moradores mais jovens cujos cotidianos estão articulados a interações territoriais mais abrangentes, seja de modo simultâneo ou sucessivo.

Para Haesbaert (2008), a intensa mobilidade da atualidade não promove simplesmente processos de desterritorialização e de perda de identidade, mas gera multiterritorializações.

Na verdade, dentro de uma mobilidade crescente, muito mais do que perderem vínculos de identificação com espaços determinados, “desterritorializando-se”, o mais comum é que indivíduos e grupos sociais desenvolvam, concomitantemente, vínculos identitários com mais de um território ou com territórios de características muito mais híbridas, “multiterritorializando-se” cada vez mais (HAESBAERT, 2008, p. 408).

Desse modo, os moradores do Sapé vivenciam seus cotidianos, seja de modo recluso/fechado ou na interseção das influências de outros lugares, via mobilidade física ou simultânea.

Com base no exposto entende-se que o território é dinâmico, conformado na base material e imaterial. Esta, por sua vez, está permeada de sentidos e significados e suscita uma discussão acerca da importância da categoria identidade, para a compreensão do território Sapé.

1.2 IDENTIDADE

Segundo Claval (1999, p. 14), por volta dos anos 1970 começa-se a discutir sobre os problemas de identidade, característicos das sociedades contemporâneas. Para o autor, a identidade é construída a partir do olhar do outro:

“É por estar confrontado com as forças de alteridade que o indivíduo tem necessidade de identidade”.

Com base na contribuição dos antropólogos, o autor compreende que a identidade deva ser refletida como o discurso que os grupos têm sobre si e sobre os outros. Além disso, afirma que a identidade se define fundamentada em referentes. A relação estabelecida entre história e espaço proporciona um território à identidade, tal como exemplificou pela relação dos judeus com a terra prometida.

Inspirado em Lévi-Strauss (1977), Haesbaert (2007) menciona a “crise identitária” na era “pós-moderna” e aponta a relevância de uma abordagem geográfica da identidade, em outras palavras, das identidades territoriais.

Como sabemos, nossas identidades – em seu caráter mais ou menos múltiplo – são sempre configuradas tanto em relação ao nosso passado, à nossa memória e imaginação, isto é, à sua dimensão histórica, quanto em relação ao nosso presente, ao entorno espacial que vivenciamos, isto é, à sua dimensão geográfica (HAESBAERT, 2007, p. 33 e 34).

Para Haesbaert (2007, p. 35), atualmente as identidades apresentam um “*continuum*”, indo das híbridas até as mais fechadas e essencializadas. Nesse contexto, o autor explica que o território é constituinte da composição identitária, “tanto no sentido mais múltiplo e aberto da ‘multiterritorialização’ em curso quanto na acepção mais fechada dos processos de ‘reclusão territorial’, muitas vezes concomitantes e articulados”.

A grande questão é como cada grupo social resolve essa tensão, ora apelando para o pólo da liberdade e da sua autonomia, através de identidades múltiplas, híbridas, sempre abertas e negociáveis, ora privilegiando o pólo da estabilidade, da fixação e do fechamento em identidades unas, “naturais” e essencializadas. Nosso espaço-tempo se move hoje claramente num ir-e-vir entre estes dois pólos (HAESBAERT, 2007, p. 35).

O mesmo autor prossegue explicando que o conceito de identidade contrasta com o conceito de diferença e, por outro lado, ambos estão inseridos um no outro. Sua análise é muito semelhante ao que expusemos do pensamento de Claval (1999), acerca das identidades.

Com relação a identidade e diferença ocorre um cruzamento ainda mais íntimo, pois não há como “identificar-se” algo sem que sua “diferenciação” (em relação ao “outro”) seja construída, a ponto de “diferenciar-se” e “identificar-se” tornarem-se completamente indissociáveis – isto demonstra, de saída, o caráter permanentemente relacional da construção identitária, sempre

produzida na relação com aquele que é estabelecido como o seu “outro” (HAESBAERT, 2007, p. 36).

O autor assume que trabalha a identidade sob o enfoque da Sociologia e da Antropologia, mas não desconsidera a importância dos estudos mais subjetivos e individuais. Para ele os estudos sobre identidade e território podem abranger desde o nível mais individual até amplos grupos sociais.

Para Haesbaert (2007) a identidade social é dinâmica e, nesse sentido, explica que muitos preferem utilizar a expressão “processos de identificação” do que “identidade”. Ele ressalta também que ela não se restringe às características próprias, mas também possui um caráter relacional, na medida em que inclui o “identificar-se com”.

O autor prossegue explicando que não é possível separar completamente o caráter simbólico da identidade dos seus referentes concretos ou objetivos.

Se as identidades sociais são simbólicas, os símbolos que compõem uma identidade não são construções totalmente arbitrárias ou aleatórias, eles precisam ancorar-se em referentes materiais ou, em outras palavras, têm sempre uma fundamentação política “concreta” (HAESBAERT, 2007, p. 42).

O simbólico diz respeito às representações sociais sobre o território. Por outro lado, os símbolos são aspectos fundamentados na dimensão material deste território. As identidades, pois, são apresentadas pelo autor como realidades ambíguas, as quais podem ser baseadas tanto em aspectos racionais quanto a imaginários.

Haesbaert (2007) explica que a identidade cultural é fortalecida através de signos e representações sociais, os quais podem incluir o próprio espaço. Porém, para o autor, nem toda identidade social é uma identidade territorial.

[...] ressaltamos que, se toda identidade territorial é, obviamente, uma identidade social, nem toda identidade social (como a identidade de gênero, por exemplo) é, obrigatoriamente, uma identidade territorial. Esta se caracteriza como identidade social que toma como seu referencial central, definidor do grupo, o território ou, num sentido mais amplo, uma fração do espaço geográfico. [...] Na verdade, podemos afirmar que, como toda relação social, toda identidade cultural é “espacial”, na medida em que se realiza no/atraves do espaço, mas nem toda identidade é “territorial”, no sentido da centralidade adquirida pelo referente espacial em estratégias de apropriação, culturais e políticas, dos grupos sociais – ou seja,

realiza-se claramente, neste caso, o elo entre espaço, política e cultura (HAESBAERT, 2007, p. 44).

São exemplos de identidade territorial as identidades de bairro, de municípios, de regiões e de Estados-nações. Esta identidade só se concretiza em face de um referente espacial, visto como elemento central de identificação e ação política de grupo.

Mediante a intensa mobilidade dos dias atuais, Haesbaert (2007) afirma que a identidade tem sido criada, cada vez mais, no movimento. Além disso, para o autor, os referentes espaciais da identidade também podem estar relacionados ao movimento.

Contudo, o mesmo autor enfatiza que a mobilidade no mundo contemporâneo é diferenciada, conforme a condição social das pessoas. Desse modo há diferentes níveis de mobilidade, desde pessoas que utilizam os mais modernos meios de transporte e comunicação até os que ainda percorrem longas distâncias caminhando com as próprias pernas.

É o que Massey (1991) denomina de “geometria da compressão de tempo-espaço”, pois enquanto uns detêm o poder em relação aos fluxos e ao movimento, outros são receptores e outros aprisionados, ou seja, quase não possuem mobilidade ou esta é limitada. Além disso, a autora afirma que a compressão de tempo-espaço de alguns pode solapar a mobilidade de outros.

Nesse contexto, Haesbaert (2007) associa o conceito de hibridismo cultural à multiterritorialidade. Em outras palavras, menciona as identidades múltiplas. Porém ele alerta que embora as identidades sejam dinâmicas, não significa que todas sejam frágeis e de curta duração. Há grupos que devido ao longo período de residência em determinado lugar estabelecem fortes laços identitários, os quais buscam preservar.

Esses processos de construção territorial fundados numa visão naturalizante e essencializada da identidade podem ser uma das origens – e ao mesmo tempo uma consequência – daquilo que denominamos dinâmicas de “reclusão territorial”, o relativo fechamento em torno de territórios excludentes em que, no caso da perspectiva cultural-identitária aqui enfatizada, promovem-se separações mais rígidas entre *insiders* e *outsiders* (HAESBAERT, 2007, p. 54).

Em outro texto, Haesbaert (2006, p. 149) explica que há identidades coletivas que são fortalecidas em seus espaços ou territórios, devido a “um caráter particular, especial, cuja significação extrapola em muito seus limites físicos e sua utilização material”.

É o que autores como Poche (1983) denominam “espaços de referência identitária”, a partir dos quais se cria uma leitura simbólica, que pode ser sagrada, poética ou simplesmente folclórica, mas que, de qualquer forma, emana uma apropriação estética específica, capaz de fortalecer uma identidade coletiva que, neste caso, é também uma identidade territorial (HAESBAERT, 2006, p. 149).

No contexto atual, do mundo pós-moderno, tanto a mobilidade e identidades múltiplas quanto a imobilidade e o fechamento identitário podem coexistir. Dentro de um território, como o Sapé, podem coexistir realidades sociais múltiplas, bem como múltiplas territorialidades.

1.3 TERRITORIALIDADE

Segundo Raffestin (1993), a noção de territorialidade veio dos naturalistas, os quais estudaram a territorialidade animal e não a humana. Nas ciências humanas o autor considera que houve poucos esforços para compreender a territorialidade. Ele argumenta que a vida é tecida por relações e apresenta uma definição de territorialidade:

Mas a vida é tecida por relações, e daí a territorialidade poder se definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema (RAFFESTIN, 1993, p. 160).

Com base nos estudos da etologia, Bonnemaïson (2002) explica que a territorialidade se manifesta na posse e defesa de um território por um organismo. Nesse sentido, as ciências humanas adaptaram o conceito naturalista para a realidade humana.

Contudo o autor alerta que a concepção das sociedades humanas sobre o território é diferente da ligação estabelecida pelas sociedades animais. Enquanto o território dos animais é fechado, o das sociedades humanas nem sempre é; além

disso, nem sempre representa um tecido espacial unido e nem condiciona obrigatoriamente a um comportamento estável.

Para Raffestin (1993), a territorialidade é dinâmica porque é constituída por elementos que são vulneráveis a transformações ao longo do tempo. Ela não se resume a uma simples ligação com o espaço.

A territorialidade se inscreve no quadro da produção, da troca e do consumo das coisas. Conceber a territorialidade como uma simples ligação com o espaço seria fazer renascer um determinismo sem interesse. É sempre uma relação, mesmo que diferenciada, com outros atores (RAFFESTIN, 1993, p. 161).

O autor prossegue argumentando que a territorialidade ocorre em todas as escalas geográficas e “é a ‘face vivida’ da ‘face agida’ do poder” (RAFFESTIN, 1993, p. 162). Para ele a análise da territorialidade pressupõe a apreensão das relações sociais, inseridas no seu contexto sócio-histórico e espaço-temporal.

A territorialidade de um siciliano, por exemplo, é bem constituída pelo conjunto daquilo que ele vive cotidianamente: relações com o trabalho, com o não-trabalho, com a família, a mulher, a autoridade política etc. Entretanto, não é possível compreender essa territorialidade se não se considerar aquilo que a construiu, os lugares em que ela se desenvolve e os ritmos que ela implica (RAFFESTIN, 1993, p. 162).

Para Bonnemaïson (2002), a territorialidade representa a relação entre dois comportamentos e atitudes: a fixação e a mobilidade.

A territorialidade é a expressão de um comportamento vivido: ela engloba, ao mesmo tempo, a relação com o território e, a partir dela, a relação com o espaço “estrangeiro”. Ela inclui aquilo que fixa o homem aos lugares que são seus e aquilo que o impele para fora do território, lá onde começa o “espaço” (BONNEMAISON, 2002, p. 107).

Desse modo, a territorialidade oscila entre o fixo (território) e o móvel (espaço estrangeiro). Um grupo cultural se mantém enquanto sua territorialidade estiver preservada.

Para Haesbaert (2007), a territorialidade pode ser pensada também de forma epistemológica, refletindo sobre as características gerais que permitem a existência do território, as quais modificam conforme a concepção de território adotada.

A territorialidade, no nosso ponto de vista, é “algo abstrato” (...) mas não num sentido que a reduza ao caráter de abstração analítica. Ela é uma “abstração” também no sentido ontológico de que, enquanto “imagem” ou símbolo de um território, efetivamente existe e pode

inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural, mesmo que o território ao qual se refira não esteja materialmente manifestado – como no conhecido exemplo da “Terra Prometida” dos judeus (HAESBAERT, 2007, p. 40 e 41).

A territorialidade para esse autor representa tanto o campo simbólico quanto as ações de construção ou defesa concreta dos espaços de identidade. Nos dias atuais, em face da crescente mobilidade e as complexas relações espaço-temporais, Haesbaert (2007) menciona as territorialidades móveis e múltiplas.

Nesse sentido a multiterritorialidade também pode ser compreendida como processo de multiterritorialização. Desse modo, os grupos sociais podem acessar diversos territórios, tanto fisicamente quanto virtualmente.

As migrações pelo mundo podem formar tipos diversos ou articulados de territorialidade.

O aumento das migrações pode levar tanto a uma proliferação de micro-espços de identidade, segregados/segregadores, quanto a um entrecruzamento de traços culturais que produzem espaços efetivamente híbridos, virtuais articuladores de novas e mais abertas identificações territoriais – ou, o que talvez seja mais comum, produzir uma espécie de amálgama em que convivem e se articulam estas duas formas de territorialidade (HAESBAERT, 2007, p. 49).

Para o mesmo autor, o outro lado da multiterritorialidade é a essencialização identitária e reclusão territorial. Se por um lado têm-se as trocas culturais e o hibridismo, por outro se verifica fundamentalismos nacionalistas, étnicos e religiosos. Desse modo, o mundo atual caracteriza-se pela coexistência dessas duas realidades.

Desse modo, no Sapé é possível perceber múltiplas territorialidades, desde as mais reclusas/essencializadas até as mais abrangentes, quando está presente a mobilidade sucessiva e/ou instantânea, contribuindo para a formação de múltiplas identidades. Contudo, em ambas as vivências estão presentes sentimentos de pertencimento e ligação afetiva com o Sapé.

CAPÍTULO 2
METODOLOGIA

METODOLOGIA

2.1 O método

Este projeto fundamentou-se no método fenomenológico proposto por Martin Heidegger, o qual foi discípulo de Husserl, a quem dedicou a obra “Ser e Tempo” como testemunho de sua admiração e amizade. Heidegger deixa explícito não só sua admiração por Husserl como também a influência teórica dele recebida. Nesse sentido, reinterpreto a fenomenologia do seu mestre, fazendo uso da hermenêutica.

Rocha (2003) aborda em sua obra o método fenomenológico criado por Husserl, e que, conforme a autora analisa a essência do dado, ou seja, a essência do fenômeno.

Para a fenomenologia, ao contrário do que ocorre com as ciências naturais, fenômenos são também coisas que existem apenas no pensamento, coisas puramente ideais, assim como também coisas criadas pela ação e prática humanas, como por exemplo, valores morais, crenças, artes, técnicas, instituições (ROCHA, 2003, p. 26).

Os fatos humanos segundo Rocha (2003, p. 28 e 29) diferenciam-se dos naturais, tendo em vista que os últimos são objetivos e, portanto, tratados pelas ciências físico-matemáticas. Contudo os humanos devem ser analisados segundo a linguagem da experiência vivida: “Quando se trata da reflexão fenomenológica, a objetividade científica não está ausente, porém procura trazer o mundo da ciência ao mundo da vida, das experiências humanas, do seu cotidiano”.

Para Rocha (2003, p. 36 e 37) a fenomenologia procura explicar o que é a percepção e, baseada em Chauí (1995, p. 236), afirma que ela “é um certo modo de a consciência relacionar-se com as coisas, quando as toma como realidades qualitativas [...] é uma vivência”.

A geografia da percepção está calcada no método fenomenológico e tem como objetivo descrever um fenômeno geográfico. As percepções das pessoas quanto ao espaço vivido variam conforme as experiências individuais vividas num dado lugar, o tempo vivido e a intensidade das experiências vividas (ROCHA, 2003, p. 39-41).

Na obra “Ser e Tempo”, Heidegger (2009) questiona o sentido do ser; aborda os fundamentos do método fenomenológico, os conceitos de fenômeno, de logos e de fenomenologia. Dentre outros conceitos apresentados pelo autor, na referida obra, evidencia-se o de “ser-no-mundo”.

Conforme Heidegger (2009, p. 71-72,74), fenômeno é “o que se revela, o que se mostra em si mesmo”. Logos “é um deixar e fazer ver, por isso é que pode ser verdadeiro ou falso”. Nessa perspectiva, o autor apresenta o conceito preliminar de fenomenologia: “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo”.

O autor afirma que, fenomenologicamente, fenômeno se refere ao ser dos entes, ao seu sentido: “em seu sentido fenomenológico, fenômeno é somente o que constitui o ser, e ser é sempre ser de um ente” (HEIDEGGER, 2009, p. 77).

E o que seria um ente? Segundo o autor, tudo o que se dá no mundo, desde os elementos naturais até os construídos pelos seres humanos, incluindo os próprios, retratam os entes. Contudo, a fenomenologia não se detém na descrição desses entes, mas procura compreender o ser: “descrever fenomenologicamente o “mundo” significa: mostrar e fixar numa categoria conceitual o ser dos entes que simplesmente se dão dentro do mundo” (HEIDEGGER, 2009, p. 110).

O ser-no-mundo significa a condição de existência humana, dentro de um mundo. Este ser está ligado ao mundo, pois este faz parte do seu ser, da sua essência.

Com base nos pressupostos desse método, buscamos desvelar as percepções e representações dos habitantes do povoado Sapé, acerca desse território, verificar se estes habitantes nutrem sentimentos de pertencimento e identidade e averiguar o conhecimento e o reconhecimento deles sobre o povoado.

2.2 Percepção

Tuan (2012) nos levou a refletir sobre o modo como os seres humanos percebem o ambiente em que estão inseridos e o valor que a ele atribuem. Para o autor, a percepção é uma resposta dos sentidos em contato com o ambiente, bem como um ato proposital de registrar alguns fenômenos e bloquear outros. Nossa percepção dos espaços cotidianos está diretamente relacionada ao que tem valor

para nós, seja no sentido da nossa sobrevivência biológica ou ligado a aspectos culturais.

São variadas as maneiras como as pessoas percebem e representam a superfície da terra. Duas pessoas, dois grupos sociais ou grupos de cientistas têm formas distintas de perceber a realidade. Contudo Tuan (2012) busca demonstrar que é possível desvelar, compreender, as percepções de mundo que diferem da nossa.

Os cinco sentidos humanos são explorados pelo autor com o objetivo de demonstrar como eles atuam no processo de percepção espacial. A visão é apontada como um dos principais sentidos que contribuem para a percepção humana, uma vez que permite explorar um maior número de informações. O tato é outro sentido que também favorece uma grande quantidade de informações sobre o mundo. Mesmo sem o auxílio da visão ou da audição, o ser humano consegue perceber diferentes formas e texturas.

A audição, segundo o mesmo autor, nos sensibiliza mais do que a visão. Os sons da natureza (chuva, trovão, vento, etc.) e a música nos afetam emocionalmente. Nesse sentido, a perda da audição pode promover efeitos psicológicos como a depressão, tendências paranoicas e a contração espacial. O olfato também contribui ricamente para a percepção espacial humana. Certos odores atuam nos fazendo lembrar de experiências e/ou lugares.

Segundo Tuan *op. cit.*, perceber o mundo apenas com a visão, sem auxílio dos outros sentidos, contribui para uma noção abstrata. Contudo, o homem moderno tem limitado seus outros sentidos utilizando prioritariamente a visão.

Quando o ser humano percebe o mundo através de todos os seus sentidos, tem a seu favor um maior número de informações espaciais. Ao conjugar os seus sentidos ao conjunto de valores culturais que possui o homem terá maior possibilidade de apreender o caráter essencial de determinados lugares e paisagens.

2.3 Pesquisa Qualitativa

A presente pesquisa é qualitativa e busca analisar, interpretar e descrever a complexidade das ações humanas. Uma pesquisa qualitativa necessita de

estruturação, fundamentação teórica e planejamento (LAKATOS; MARCONI, 2009, p. 272). A proximidade do pesquisador com o objeto de estudo é citada pelas autoras: “Por meio do método qualitativo, o investigador entra em contato direto e prolongado com o indivíduo ou grupos humanos, com o ambiente e a situação que está sendo investigada, permitindo um contato de perto com os informantes”.

A descrição é evidenciada pelas autoras, no desenvolvimento da pesquisa qualitativa. É necessário que o pesquisador tenha sensibilidade mas seja imparcial, cuidadoso na análise, evitando interferir nas respostas de entrevistados e no bom resultado do trabalho.

Portanto, a pesquisa em pauta parte de um planejamento no qual foram especificados a justificativa, as questões de pesquisa, os objetivos e a fundamentação teórica. Pretendemos aproximar com o objeto de estudo, ou seja, as percepções e representações que a população do povoado Sapé possui acerca do seu território.

2.4 Estudo de caso

O estudo de caso identifica-se tradicionalmente com a metodologia qualitativa. Conforme Lakatos e Marconi (2009, p. 274) “Reúne o maior número de informações detalhadas, valendo-se de diferentes técnicas de pesquisa, visando apreender uma determinada situação e descrever a complexidade de um fato”.

Dentre as técnicas que podem ser utilizadas num estudo de caso estão a observação e a entrevista. A observação tem como objetivo o registro e o acúmulo de informações. Necessita ser sistemática e também favorecer uma aproximação entre o investigador e o fenômeno pesquisado.

A entrevista também é uma técnica essencial na coleta de dados num estudo de caso: “As entrevistas qualitativas são muito pouco estruturadas. O principal interesse do pesquisador é conhecer o significado que o entrevistado dá aos fenômenos e eventos de sua vida cotidiana, utilizando seus próprios termos” (LAKATOS; MARCONI, 2009, p. 278).

Contudo as autoras citadas sugerem o uso de um roteiro simples, bem como informar aos entrevistados o objetivo, a importância da entrevista e estabelecer um compromisso de anonimato, sempre que necessário.

2.5 Instrumentais de pesquisa

Para realização de cada etapa da pesquisa, seguimos um roteiro que partiu da revisão literária, passando pelas pesquisas de campo, concluindo com o tratamento e análise dos dados coletados. Os instrumentais dessa pesquisa foram:

- **Revisão da literatura**

Inicialmente buscamos nos embasar teoricamente sobre as categorias de análise geográficas que nos possibilitasse refletir sobre a socioespacialidade, como território, identidade e territorialidade. Nesse sentido, encontramos suporte teórico nos seguintes autores:

QUADRO 01 – CATEGORIAS DE ANÁLISE

CATEGORIAS DE ANÁLISE	
CATEGORIAS	AUTORES
TERRITÓRIO	BONNEMAISON (2002); MORAES (1999); HAESBAERT (2002, 2007, 2008); RAFFESTIN (1993); SOUZA (2002).
IDENTIDADE	CLAVAL (1999, 2007, 2008); HAESBAERT (2007); MASSEY (1991).
TERRITORIALIDADE	RAFFESTIN (1993); BONNEMAISON (2002); HAESBAERT (2007).

Fonte: Revisão Literária, 2011 e 2012.

Organização: GOMES, A.H.A.S.

Em seguida pesquisamos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informações sobre o povoado Sapé, desde sua localização geográfica até os mais variados dados estatísticos. Visitamos órgãos públicos do município de Itaporanga D'Ajuda, procurando documentos com informações sobre o Sapé.

Antes de iniciarmos os trabalhos de campo, nos dedicamos a leitura de autores que fundamentaram esta outra fase da pesquisa, a exemplo de Martin Heidegger (2009) e Rocha (2003), sobre o método fenomenológico; Yi-Fu Tuan

(2012), sobre percepção; Lakatos e Marconi (2009), sobre pesquisa qualitativa, estudo de caso e entrevistas; Salette Kozel (2009), sobre mapas mentais e Laurence Bardin (2008) sobre análise de conteúdo.

- **Mapas mentais e representação do espaço**

Para o levantamento da história do povoado Sapé e da percepção da população nascida, criada e residente no território, além de consultas em referências bibliográficas e outros registros, utilizamos a metodologia dos mapas mentais e representação do espaço.

Segundo Kozel (2008, p. 73) a abordagem que leva em consideração as representações que os indivíduos fazem sobre o uso e vivência dos espaços está fundamentada na geografia cultural-humanista.

Essa geografia se localiza na interface da percepção humana, indo ao encontro inter ou transdisciplinar da psicologia, linguística, antropologia, sociologia e outras ciências, visando um “mapeamento” dos fenômenos (KOZEL, 2008, P. 73).

Conforme a autora citada, os mapas mentais são como “enunciados”, através dos quais se expressam imagens que partem de sensações e percepções, podendo também apresentar signos verbais e não-verbais; podem ser tratados como enunciados que representam as inter-relações sociais nos espaços, pois partem de um “destinador” a um “destinatário” cuja essência é o dialogismo. Assim, é possível verificar percepções sociais acerca do espaço vivido.

Galvão e Kozel (2008) ressaltam que desde a antiguidade as sociedades expressam seus espaços vividos através de representações signas tais como as pinturas em rochas, passando por pergaminhos, pelo papel até chegar, nos dias atuais, ao meio digital.

Essas representações sempre foram impregnadas de valores provenientes da sua própria cultura e representavam caminhos, rotas, riquezas, mitos, lendas, medos, etc. Portanto, as representações se constituíam enquanto forma de linguagem das diferentes civilizações, unindo aspectos objetivos aos subjetivos, práticas a valores, mitos aos fatos comprovados, constituindo-se no verdadeiro “ver” das sociedades (GALVÃO e KOZEL, 2008, p. 35).

Nesse contexto, Kozel (2008; 2009) apresenta sua metodologia para decodificar os mapas mentais, denominada pela autora de “metodologia Kozel”. Nesta é preciso observar a forma de representação dos elementos (ícones, letras, linhas, etc.), a distribuição dos elementos na imagem (de forma isolada, horizontalmente, de forma dispersa, etc.), especificidades dos ícones (elementos naturais, construídos, móveis, humanos) e outros aspectos ou particularidades.

A consciência do ser humano, sua cultura e identidade são únicos, mas também são produtos de outras consciências e culturas. Através dos mapas mentais e das representações pode-se ter um rico conjunto de informações, baseados nas percepções de indivíduos, que embora residam num mesmo território, são diferentes.

- **Pesquisa de campo**

Os levantamentos de campo ocorreram em dois momentos: a primeira aproximação ocorreu em novembro de 2011, com os alunos do 6º e 7º anos do turno matutino da Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro; em seguida realizamos entrevistas em 2012 com moradores do povoado, preferencialmente familiares dos discentes participantes da pesquisa.

Em novembro de 2011 iniciamos as atividades de campo, levando em consideração o caráter qualitativo da pesquisa e a necessidade de entrarmos em contato direto com os moradores do povoado Sapé.

A cada visita que fizemos ao povoado, realizamos levantamentos fotográficos, bem como buscamos observar comportamentos e as paisagens. Nesse contexto, em novembro de 2011 elaboramos um roteiro de entrevista (**apêndice A**) que foi aplicado numa primeira aproximação de campo, realizada na Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro. Foram selecionadas três turmas do 6º ano do ensino fundamental e uma turma do 7º ano, do turno matutino, que concentravam boa parte dos alunos residentes no povoado Sapé, embora a escola atenda crianças oriundas de outros povoados.

Motivou-nos iniciar os trabalhos de campo nessa escola, junto a alunos residentes no povoado, a fim de não só obter a percepção dessas crianças sobre o lugar, como também informações sobre suas famílias, as quais também intencionávamos entrevistar. Outro fator motivador da escolha dessas turmas é o

conteúdo programático de geografia, respectivo dessas séries, o qual abrange os pressupostos basilares, incluindo suas categorias como espaço, paisagem, lugar e território, além da representação e percepção espacial. Nessa perspectiva, levando-se em consideração os propósitos da nossa pesquisa, justifica-se a escolha dessas turmas.

Realizamos uma oficina com as turmas, iniciando os trabalhos com uma exposição de nossas intenções em estudar o Sapé. Foi-lhes distribuído um roteiro de questões que buscam verificar o perfil (data de nascimento, local de nascimento, onde moram, com quem moram) e questões sobre as percepções do vivido (o que gostam no povoado, o que não gostam, a descrição do lugar onde moram). Em seguida foi-lhes solicitado que representassem, com desenhos e/ou palavras, o significado do Sapé para eles.

Preparamos cópias do roteiro de questões, levamos lápis grafite, borracha e lápis de cor, uma vez que na questão 8 o aluno poderia representar o Sapé em mapas mentais. Nessa perspectiva, em 2011 foram aplicadas 62 atividades, distribuídas nas quatro turmas mencionadas. Destes 62, 33 alunos informaram que residiam no povoado Sapé e somente com essas entrevistas trabalhamos naquele ano.

Em agosto de 2012 voltamos a mesma escola e repetimos a oficina realizada em 2011, junto a alunos das mesmas turmas e turnos. Contudo, verificamos que entre as três turmas do 6º ano (A,B e C) da mesma escola, em 2012, apenas no 6º A havia alunos residentes no Sapé. Destes, alguns eram repetentes e já haviam participado da pesquisa em 2011. Portanto, antes da aplicação do roteiro de questões, verificamos os alunos que eram residentes no Sapé e que não haviam respondido o questionário no ano anterior.

O mesmo sucedeu no 7º ano, pois encontramos alunos repetentes que já haviam participado da pesquisa no ano anterior, além de alunos residentes em outros povoados. Desse modo, em 2011 foram 33 alunos entrevistados residentes no Sapé e em 2012 foram 27, totalizando 60 roteiros de questões aplicados.

Após a realização das oficinas, em agosto de 2012 buscamos, junto a secretaria da escola. Nesse momento, constatamos que alguns alunos pesquisados em 2011 haviam saído da escola ou até mesmo mudado de endereço, saindo do povoado.

Ao localizar o endereço dos alunos, partimos para as visitas às residências dos seus familiares, com o intuito de realizar entrevistas e obter as percepções e representações do Sapé, sob a perspectiva desses moradores.

A realização de entrevistas apresentou-se como instrumental valioso para a caracterização socioeconômica da população assim como para a apreensão da construção social do território, de aspectos do cotidiano e de como utilizam e sentem o espaço em que vivem.

Numa coleta de dados a entrevista significa, segundo Lakatos e Marconi (2009, p. 278), um dos instrumentos básicos. A entrevista é uma conversa oral entre duas pessoas, a qual pode variar em tipos diferentes, porém todas com o objetivo de obter informações e compreender as percepções dos entrevistados.

Antes de uma entrevista o pesquisador precisa informar ao entrevistado as razões desse procedimento (LAKATOS; MARCONI, 2009, p. 278). Os tipos de entrevista apontados pelas autoras são a padronizada ou estruturada e a despadronizada ou semi-estruturada.

Enquanto a entrevista padronizada ou estruturada está baseada num roteiro previamente estabelecido a entrevista despadronizada ou semi-estruturada caracteriza-se pela liberdade que o entrevistador tem de seguir direções que considerar mais adequadas (LAKATOS; MARCONI, 2009, p. 279).

Essa técnica de coleta de dados apresenta vantagem e desvantagens. As vantagens são as de possibilitar seu uso com todos os segmentos populacionais; a observação atenciosa do entrevistado e obtenção de dados não encontrados em outros documentos. As limitações da entrevista são as possíveis dificuldades de expressão e comunicação ou a retenção de informações.

Nessa perspectiva, utilizamos a entrevista como procedimento metodológico em dois momentos (apêndices A e B). O primeiro ocorreu no momento da aproximação com os alunos da Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro, como já descrito, quando procedemos uma abordagem coletiva. No segundo, elaboramos e realizamos entrevistas semi-estruturadas com 22 moradores do povoado, os quais eram familiares de estudantes participantes da pesquisa. Além desses moradores selecionados, pudemos também entrevistar 2 moradores que foram apontados pelos entrevistados, os quais apresentam significativo

envolvimento com o povoado, ao longo da sua história O perfil desses moradores entrevistados é exposto a seguir.

- **Amostra**

Buscamos no IBGE informações atualizadas da população do Sapé, porém não encontramos. Desse modo, procuramos esta e outras informações no posto de saúde da localidade, denominado Aldemar Reis, cuja fundação foi em 1976.

Segundo dados fornecidos pela unidade de saúde, o povoado Sapé possui 1237 habitantes, sendo 627 do sexo masculino e 610 do sexo feminino. Do total de habitantes, 341 são crianças, ou seja, 27,6% da população.

Na primeira fase da pesquisa, 60 crianças residentes no povoado responderam ao roteiro de questões, ou seja, cerca de 17,6% dessa faixa etária. Levando-se em consideração os dados do IBGE (2010), de que o número médio de habitantes por domicílio no Nordeste é de 3,6, ao visitarmos uma residência obtínhamos informações sobre os diversos integrantes da família e como visitamos 24 residências do povoado, cobrimos 7% da população total.

Como exposto, das 24 famílias visitadas, 22 eram dos estudantes que participaram da primeira fase dos trabalhos e 2 moradores sugeridos pelos primeiros.

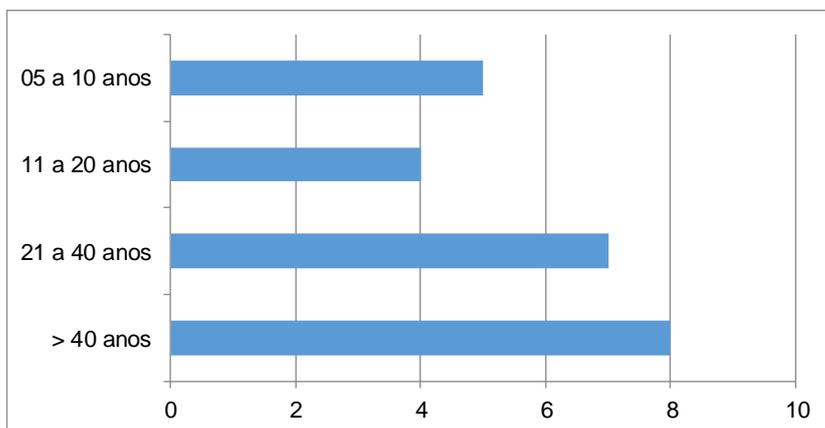
Embora os dados estatísticos sejam significativos, salientamos que a abordagem qualitativa privilegia o conteúdo e a fenomenologia o significado do fenômeno estudado. Nesse sentido, a apresentação dos dados estatísticos da amostra corrobora na demonstração de que os procedimentos metodológicos adotados na primeira etapa (60 crianças) e na segunda fase (24 famílias do povoado), constituíram um conjunto de informações suficientes para nossa análise sobre o sentido de pertencimento, sobre percepções e representações, enfim, sobre a socioespacialidade dos habitantes do povoado Sapé.

Sobre a amostra, ressaltamos a importante relação estabelecida entre o tempo de residência de um morador do Sapé, às suas percepções e representações deste lugar, uma vez que, segundo Claval (1999), a relação entre história e espaço proporciona um território a identidade. As identidades podem ser construídas a partir

de referentes pretéritos, conforme as experiências vivenciadas ao longo do tempo e guardadas na memória.

Com base nas informações obtidas nas entrevistas, verifica-se:

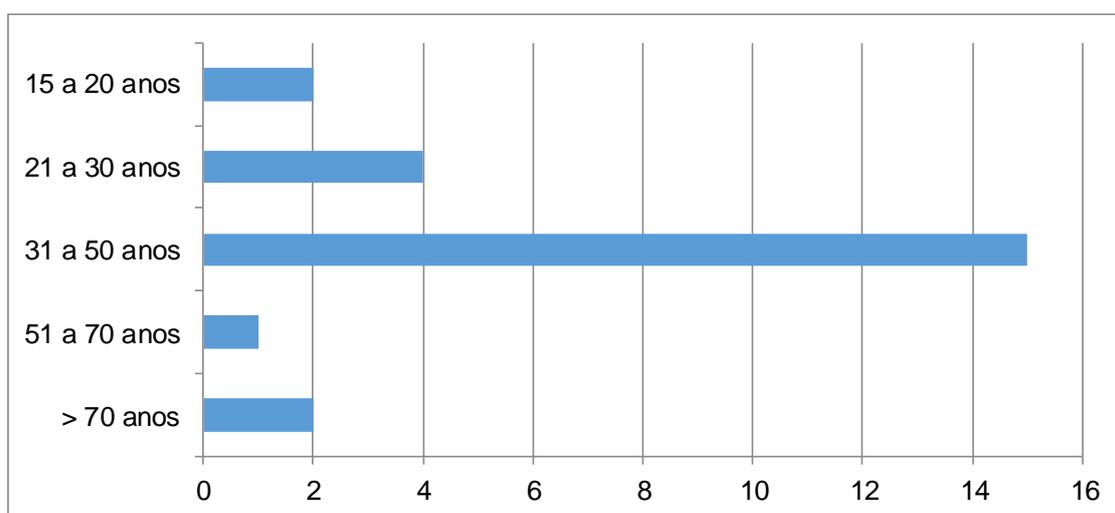
GRÁFICO 01 – Sapé: Tempo de residência do entrevistado



Fonte: Pesquisa de Campo dos Entrevistados, 2012
Org.: GOMES, A.H.A.S.

Verifica-se que dos 24 entrevistados, a maioria, ou seja, 15 pessoas residem de 21 há mais de 40 anos no povoado. Quanto a faixa etária dos entrevistados, nossa amostra abrangeu habitantes desde os 15 anos de idade até mais de 70 anos. Um dos depoentes informou ter a idade de 100 anos. O gráfico a seguir revela que a maioria (15) dos entrevistados tem entre 31 e 50 anos de idade.

GRÁFICO 02 – Sapé: faixa etária dos entrevistados



Fonte: Pesquisa de Campo, entrevistados, 2012.
Org.: GOMES, A.H.A.S.

- **Tratamento das informações**

Para análise dos mapas mentais elaborados pelos estudantes da escola do Sapé, nos fundamentamos na metodologia Kozel (2008; 2009). Dentre as questões aplicadas nas oficinas, a de número 8 solicitava que o aluno representasse, com desenhos e/ou palavras, o significado do Sapé para eles.

Ao analisarmos os mapas mentais feitos pelos alunos, buscamos verificar inicialmente a forma de representação dos elementos. Neste sentido, observamos que, em 2011, das 46 crianças, 35 usaram o desenho, 1 utilizou desenho e texto, 9 texto e 1 deixou esta questão em branco. Em 2012, das 14 crianças, 9 realizaram desenhos e 5 desenhos e texto (Quadro 2).

QUADRO 2 – Forma de representação

ANO	2011		2012		Totais
Turma	6º ano	7º ano	6º ano	7º ano	-
Desenho	27	08	08	01	44
Desenho e texto	01	-	01	04	06
Texto	04	05	-	-	09
Sem desenho e texto	01	-	-	-	01
Total	33	13	09	05	60

Fonte: Pesquisa de campo, 2011 e 2012
Org.: GOMES, A. H. A. S.

Quanto a forma de distribuição dos elementos na imagem, que, como explica Kozel (2009) pode ser isolada, horizontal, vertical, frontal, dispersa, dentre outras, buscamos suporte em Lesann (2009) para analisarmos os desenhos. Desse modo, identificamos que muitos alunos construíram seus mapas mentais utilizando perspectivas diversas, às vezes numa mesma representação.

Segundo Lesann (2009, p. 91-103), é importante observar a evolução do desenho infantil, conforme o processo de construção do conhecimento que cada criança desenvolve. Fundamentando-se em Luquet (1984), a autora realiza uma pesquisa em que acompanha o amadurecimento do desenho de crianças ao representar seus espaços cotidianos. Ela verifica desde o momento em que a criança passa pela fase do *rabatement* (representa o que sabe do objeto, do modo

como sabe) até uma *vista de cima*, ou seja, o que se denomina, nas representações cartográficas dos espaços terrestres, perspectiva vertical.

No mapa mental a seguir (figura 2), por exemplo, assim como sucedeu em outros, a criança representou o Sapé utilizando a perspectiva aérea e a frontal. Pode-se perceber que o campo de futebol é visto de cima, numa perspectiva vertical, porém a casa é vista de modo frontal. Estes dois elementos construídos foram escolhidos pelo aluno como significativos no Sapé, o campo de futebol e, provavelmente, sua casa.

FIGURA 2 – Mapa mental Sapé – perspectiva frontal e vertical



Fonte: Pesquisa de campo, 2011 e 2012
Org.: GOMES, A. H. A. S.

Quando solicitado a representar o que o povoado significava para ele, outra criança destacou uma casa, provavelmente a dele. No desenho que se segue (figura 3), o aluno representa de modo frontal uma casa e, em primeiro plano, uma via logo à frente, alguns elementos naturais, como as plantas, detalhes das cores da casa e uma antena no telhado.

FIGURA 3 – Mapa mental – perspectiva frontal



Fonte: Pesquisa de campo, 2011 e 2012
Org.: GOMES, A. H. A. S.

A seguir apresentamos um mapa mental que se aproxima do que Lesann (2009) afirma ser um amadurecimento da criança na representação do espaço em forma de desenho. Observamos a predominância da vista aérea, ou vista de cima, pois o campo de futebol, a quadra de esporte e as estradas são vistas desse modo. As árvores, o carro e as casas nos revelam uma outra perspectiva, uma vez que é possível ver além das copas das árvores, a lateral do carro e não apenas os telhados das casas, mas também a parte frontal.

Neste desenho também refletimos sobre a presença do automóvel, que nos faz lembrar movimento, deslocamento e, conseqüentemente, pessoas. Em grande parte dos mapas mentais, verificamos a ausência de pessoas e/ou veículos que pudessem demonstrar as dinâmicas sociais presentes no povoado.

FIGURA 4 – Mapa mental – predominância da perspectiva vertical

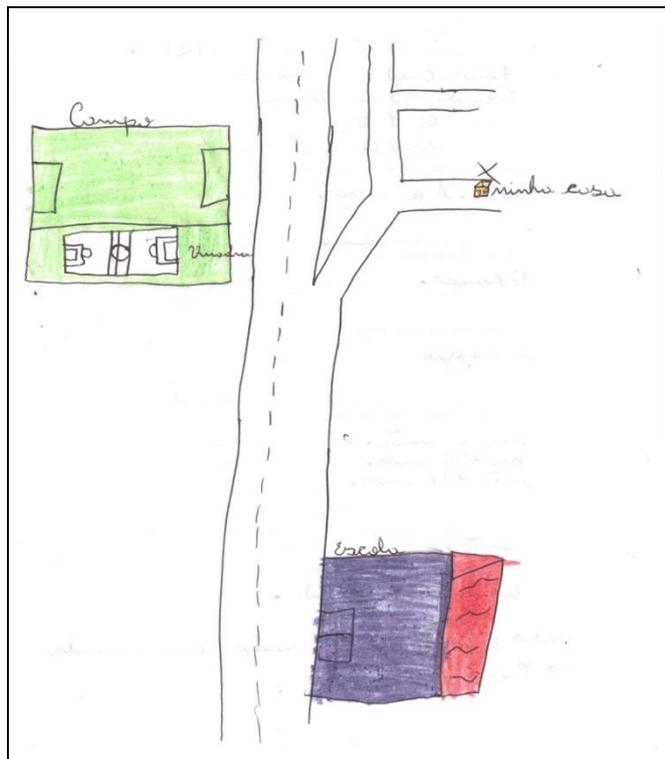


Fonte: Pesquisa de campo, 2011 e 2012
Org.: GOMES, A. H. A. S.

Em relação às especificidades dos ícones, tanto em 2011 quanto em 2012, verifica-se nos mapas mentais a presença de elementos construídos, como casas, escola, bar, lanchonete, igreja, posto de saúde, praça, mercearia, padaria, clube, correio, quadra, farmácia, estrada, dentre outros.

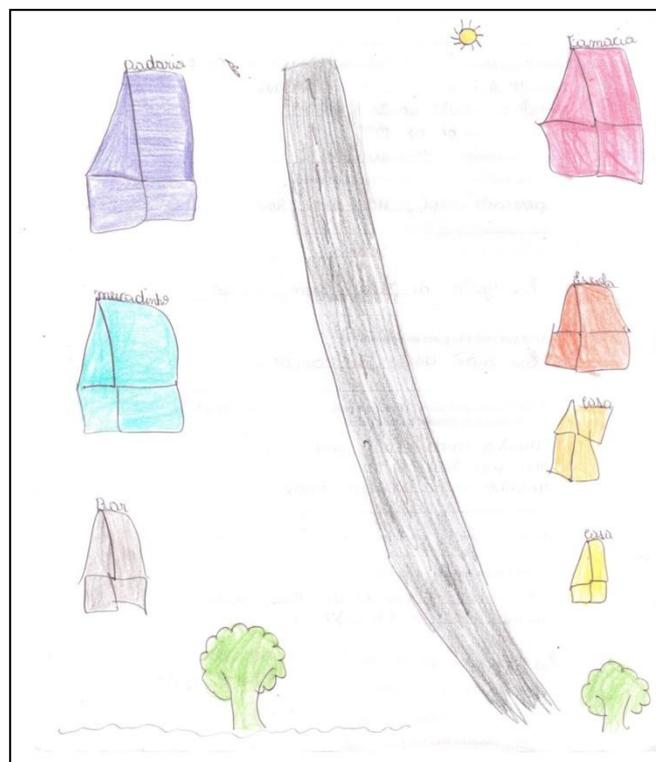
A rua principal, que constitui a estrada de acesso ao Sapé, por exemplo, é um dos elementos construídos que mais apareceu nos mapas mentais. Sabe-se que o povoado cresceu em torno dessa estrada e até hoje é mencionada pelos moradores, tanto nas entrevistas quanto nos mapas mentais dos estudantes, como um dos símbolos constitutivos dos sentidos daquele povoado, emblematicamente representado nas figuras 5 e 6.

FIGURA 5 – Representação da estrada do Sapé



Fonte: Trabalhos de campo, 2011 e 2012
Organização: GOMES, A. H. A. S.

FIGURA 6 – Representação da estrada do Sapé



Fonte: Trabalhos de campo, 2011 e 2012
Organização: GOMES, A. H. A. S.

No primeiro mapa mental (figura 5) percebemos que o aluno procurou representar a estrada do Sapé, aparentemente com o auxílio de uma régua, ainda que apresentando partes não totalmente retificadas. Além da estrada, o aluno indica a sua casa, situada numa das ruas da localidade, bem como o campo de futebol e a escola. São os aspectos que se revelam como significativos ao discente.

No segundo mapa mental (figura 6), o aluno representou a estrada do povoado visivelmente sem o auxílio da régua. Ele destacou o Sol e as árvores como elementos naturais e mencionou alguns elementos construídos como a escola, a casa, farmácia, padaria, bar e mercadinho. Esses lugares podem ter sido indicados por fazerem parte do cotidiano do discente e da sua família. Contudo, assim como no primeiro desenho, não verificamos movimentos e nem pessoas.

Em outros mapas estão presentes os elementos móveis como ônibus, carro, caminhão. Observamos também elementos naturais como árvores, plantas, grama, cavalo, galinha, porco e pessoas. Além dos mapas mentais que apresentaram desenhos e desenhos/textos, algumas crianças só utilizaram texto para representar suas percepções sobre o Sapé. Conforme expusemos no quadro 2 (p. 44), das 60 crianças participantes da pesquisa, apenas 9 utilizaram o texto. Analisando os textos, verificamos os mesmos conteúdos representados nos desenhos, como os elementos naturais, construídos e informações sobre a própria residência.

Após essa análise mais superficial, realizamos uma análise mais aprofundada dos sentidos de cada mapa mental, das mensagens e particularidades de cada um. Nessa perspectiva, aliado ao arcabouço teórico da pesquisa, essa análise está apresentada no capítulo 3.

Para a análise das respostas obtidas nas entrevistas, nos fundamentamos em Laurence Bardin (2008). Consideramos a valiosa contribuição da análise de conteúdo, a qual “é um conjunto de técnicas de análises das comunicações”. Essas comunicações, conforme a autora exemplifica em sua obra, são representadas por entrevistas, questionários, discursos, sinalizações de trânsito, mensagens publicitárias, programas televisivos, revistas, dentre outros.

A construção de uma matriz no programa Excel (apêndice C), possibilitou-nos a visualização de todas as respostas obtidas. A partir dessa matriz

confeccionamos os gráficos que nos permitiram interpretar as respostas dos entrevistados.

Ao tratarmos as informações expostas na matriz, retomamos as categorias de análise desta pesquisa, associando-as a observações realizadas com base na análise de conteúdo.

QUADRO 3 – Categorias de análise e reflexões

Categorias de análise e reflexões	
Categorias	Reflexões
Território	Apropriação concreta e simbólica.
	Cotidiano.
Identidade	Sentimentos de topofilia ou topofobia.
	Significado e sentido do Sapé para os moradores.
	Envolvimento e perspectivas futuras.
Territorialidade	Fixação e mobilidade.
	Multiterritorialidade.

Fonte: Trabalho de campo, 2012.
Organização: GOMES, A. H. A. S.

Todo conteúdo, quer seja pronunciado ou escrito, que transmita uma mensagem, pode ser submetido à análise de conteúdo. Sendo assim, Bardin (2008) orienta que, mediante um determinado conteúdo a ser analisado, se faça uma primeira leitura, da qual podem surgir intuições e hipóteses. A partir dessas hipóteses e utilizando outras técnicas, dentre as quais a estatística, busca-se compreender, profundamente, a razão de ser daquele conteúdo: “A leitura efetuada pelo analista, do conteúdo das comunicações, não é, ou não unicamente, uma leitura <<à letra>>, mas antes um realçar de um sentido que se encontra em segundo plano (BARDIN, 2008, p. 43)”.

- **Perfil dos entrevistados**

Quanto ao perfil dos entrevistados, a predominância é do gênero feminino, pois dos 24 entrevistados, 20 são mulheres e apenas 4 homens. Dentre as

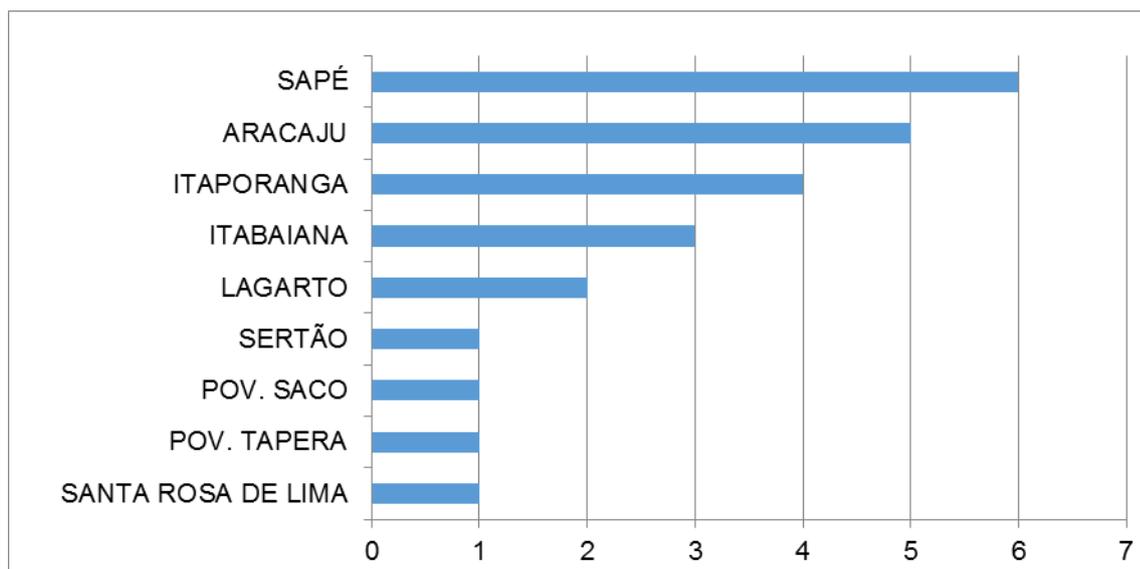
explicações disto podemos mencionar que as entrevistas se concentraram nos turnos matutino e vespertino, especialmente de segunda a sexta feira. Desse modo, muitos pais, tios, irmãos mais velhos e até mesmo avós estavam trabalhando fora de casa, enquanto mães, tias, irmãs e avós do sexo feminino estavam em casa, dedicando-se aos afazeres domésticos.

Outra explicação para a predominância das mulheres na pesquisa está no perfil de muitas famílias atualmente no Brasil, as quais são comandadas por mulheres viúvas, divorciadas ou solteiras, como pudemos também constatar, embora não fosse objetivo nosso detectar essa especificidade, mas, mesmo assim foi informado pelas entrevistadas.

Quanto à escolaridade verificamos que a maioria possui apenas o fundamental (14) e os demais o ensino médio (10), completo ou não. Nenhum entrevistado respondeu possuir o ensino superior. Porém verificamos, quanto às perspectivas futuras de alguns moradores, o desejo de ampliar seus conhecimentos e de que seus filhos prossigam os estudos até o nível superior.

Quanto à origem, ou seja, ao local do nascimento, buscamos informações dos familiares, como pais do entrevistado, irmãos e filhos, como mostram as figuras seguintes (gráficos 3, 4 e 5).

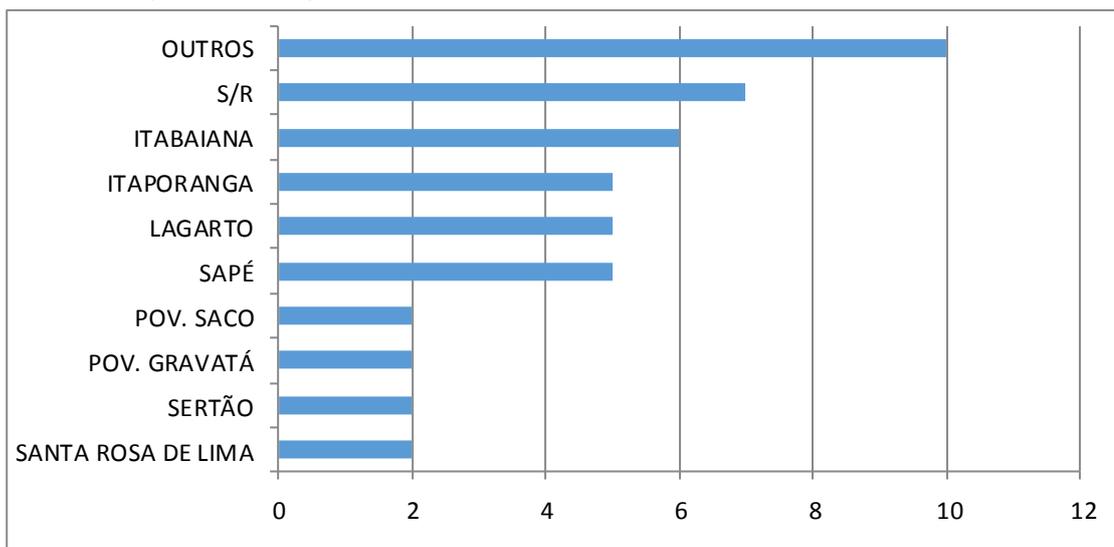
GRÁFICO 3 – Local de nascimento dos entrevistados



Fonte: Pesquisa de Campo – Entrevistados, 2012.
Org.: GOMES, A.H.A.S.

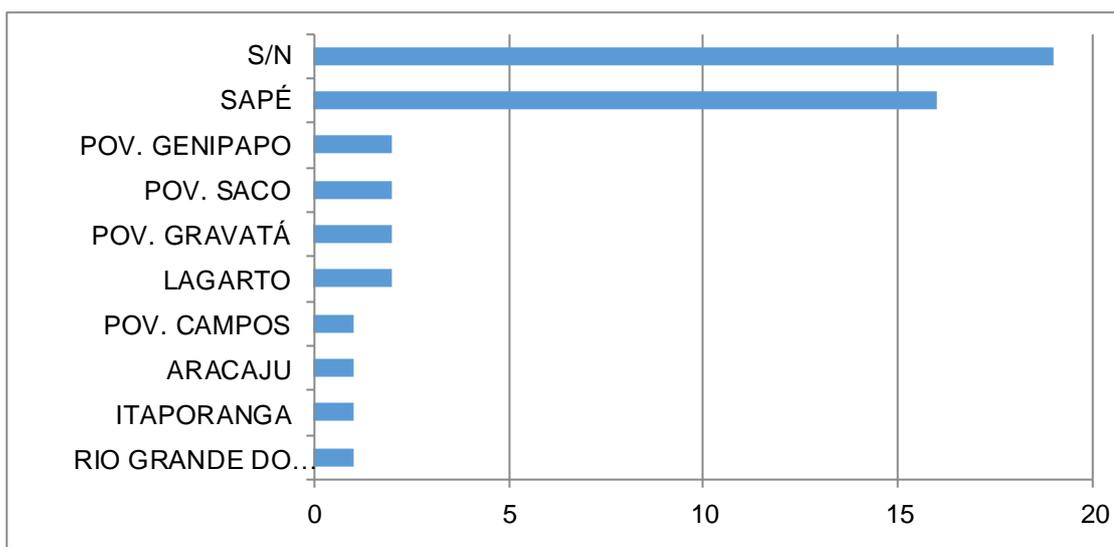
GRÁFICO 4 – Local de nascimento dos pais do entrevistado

Fonte: Pesquisa de Campo - Entrevistados, 2012.



Org.: GOMES, A.H.A.S.

GRÁFICO 5 – Residência atual dos pais dos entrevistados



Fonte: Pesquisa de Campo – Entrevistados, 2012.

Org.: GOMES, A.H.A.S.

Dos 24 entrevistados, 12 são nascidos no município de Itaporanga D'Ajuda, aí englobados os povoados Sapé, Saco e Tapera. Contudo, quando alguns respondiam que haviam nascido no Sapé ou em outro povoado, e não em Itaporanga D'Ajuda, nós questionávamos o fato dos povoados fazerem parte do mesmo município. Compreendemos que eles diferenciavam o Sapé e outros

povoados do município, para reafirmar o lugar, diferentemente de ter nascido na sede.

Também nos chamou atenção a resposta de uma entrevistada de que seus pais, ela e seus irmãos haviam nascido no Sertão (gráficos 3,4 e 6). Ela não soube precisar o nome do lugar, mas apenas destacou que se recordava que a sua família teve origem no “Sertão”.

Verifica-se que os pais de 12 entrevistados nasceram no município de Itaporanga D’Ajuda, considerando os povoados Sapé e Saco. Os nascidos em Lagarto e Itabaiana perfazem 7 e 6 pais respectivamente, aqui considerando o povoado Gravatá, pertencente ao município de Lagarto. Interessante observar tratar-se de dois municípios importantes na economia agrícola do estado de Sergipe.

Quanto a residência atual dos pais do entrevistado (gráfico 5), observamos que 2 indicaram residir no povoado Jenipapo, o qual está localizado no município de Lagarto; Aparece também uma resposta no povoado Campos, o qual está localizado no município de Itaporanga D’Ajuda. Chamou-nos atenção as respostas (19) informando uma não informação sobre o assunto ou sem resposta. De acordo com estes entrevistados, alguns pais já haviam falecido ou simplesmente o entrevistado havia perdido o contato, não sabendo informar onde residem atualmente.

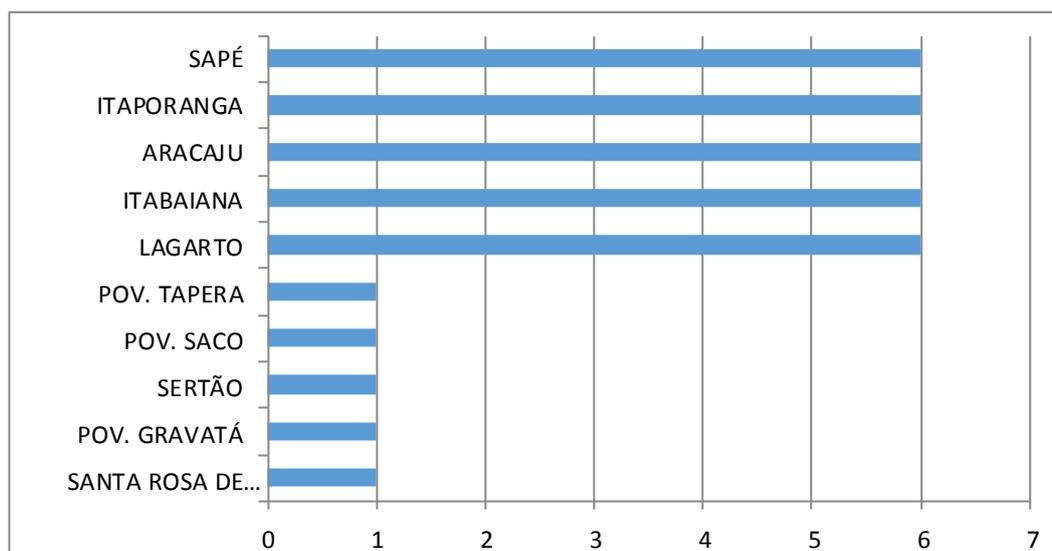
De acordo com a faixa etária dos entrevistados (gráfico 2, p. 43), percebemos que prevaleceram pessoas com idades entre 30 a 70 anos e com tempo de permanência no povoado dos 21 a mais de 40 anos (gráfico 1). Nesse sentido, observando a origem da maioria dos pais, relembramos as categorias de análise (Quadro 3, p. 50) Território, Identidade e Territorialidade.

A permanência desses entrevistados no Sapé, ao longo de anos, gera experiências, vivências, apropriação concreta e simbólica (Território); sentimentos de pertencimento, revelados em algumas falas, quando, por exemplo, o entrevistado nasceu na unidade de saúde na sede do município (Itaporanga D’Ajuda) e afirma ter nascido no Sapé, reafirmando o território do qual se apropria concreta e simbolicamente; a fixação pode ser observada na permanência no Sapé, tanto dos pais (gráfico 4 e 5) quanto dos próprios entrevistados (gráfico 8 ; Territorialidade).

A indicação do Sertão corresponde àquela entrevistada que não soube precisar o nome do lugar de seu nascimento.

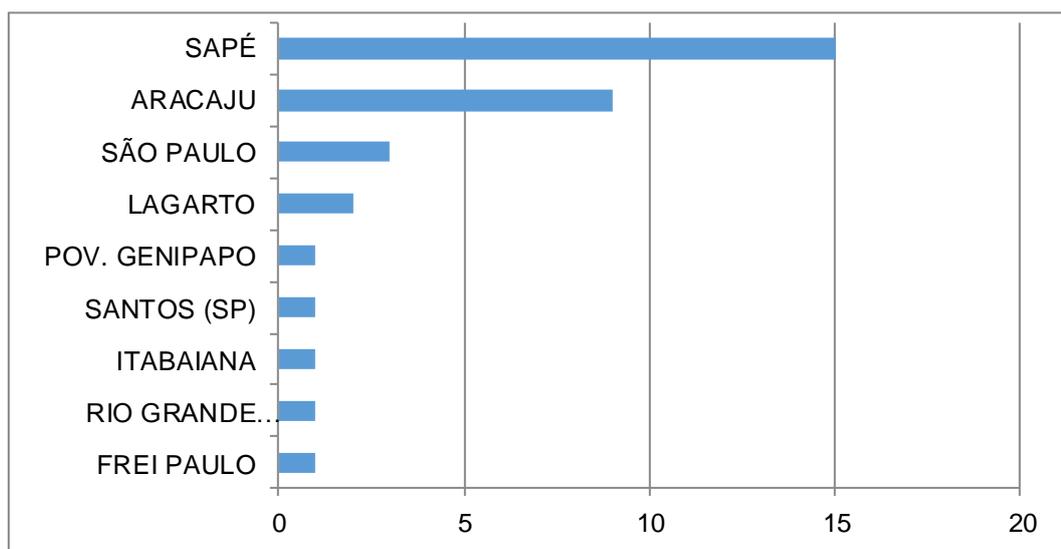
Os gráficos a seguir revelam o local de nascimento e a residência atual dos irmãos do entrevistado. De modo similar ao exposto dos pais do entrevistado, os irmãos nasceram, em sua maioria (14), no município de Itaporanga D’Ajuda, considerando os povoados Sapé (6), Tapera (1) e Saco (1). Atualmente a maioria dos irmãos reside no Sapé (15), revelando uma baixa mobilidade da família, praticamente repetindo os dados da gráfico 5.

GRÁFICO 6 – Local de nascimento dos irmãos dos entrevistados



Fonte: Pesquisa de Campo – Entrevistados, 2012.
Org.: GOMES, A.H.A.S.

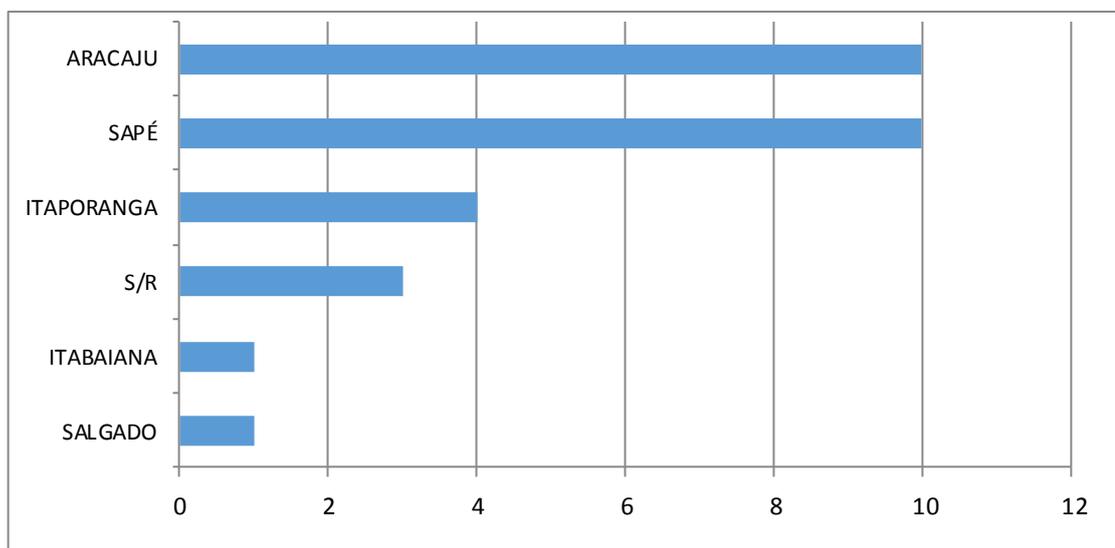
GRÁFICO 7 – Residência atual dos irmãos dos entrevistados



Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.
Org.: GOMES, A.H.A.S.

Quanto ao local de nascimento e a residência atual dos filhos dos entrevistados, apresentamos os gráficos a seguir:

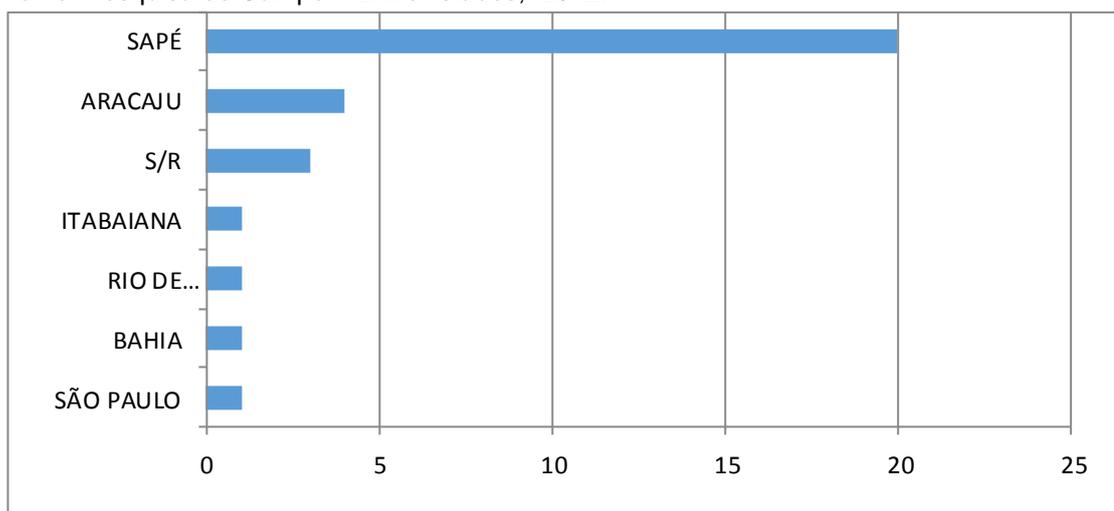
GRÁFICO8 – Local de nascimento dos filhos dos entrevistados



Fonte: Pesquisa de Campo – Entrevistados, 2012.
Org.: GOMES, A.H.A.S.

GRÁFICO 9 – Residência atual dos filhos dos entrevistados

Fonte: Pesquisa de Campo – Entrevistados, 2012.



Org.: GOMES, A.H.A.S.

Segundo as informações expostas, os entrevistados indicaram Aracaju, Sapé, Itaporanga D'Ajuda, Salgado e Itabaiana como locais de nascimento dos seus filhos (gráfico 8). É importante destacar que no Sapé não há um hospital, mas um

posto de saúde não apto a realizar procedimentos como parto. Por isso muitas gestantes se deslocam tanto para a sede quanto para outras cidades, em busca de hospitais maternidade.

Também consideramos que, mesmo tendo nascido em outra localidade, alguns moradores possam ter apontado o Sapé por somente ter nascido numa unidade de saúde na sede ou em outro município e depois, imediatamente, ter voltado ao lugar de origem de sua família. Contudo, os moradores com idades mais avançadas indicaram de fato ter nascido no povoado, por intermédio de parteiras.

Como prevaleceram entrevistados na faixa etária de 31 a 50 anos, muitos têm filhos jovens que ainda residem no Sapé. Com efeito, os entrevistados com mais idade declaram ter filhos residindo no Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo, Aracaju e Itabaiana.

Verifica-se que a maioria dos pais, irmãos e especialmente os filhos residem no povoado Sapé. Nesse sentido, percebemos a permanência tanto dos mais idosos quanto das novas gerações. O fato se confirma quando a maioria dos entrevistados apontou razões para não sair do povoado, dentre os quais 11 por, simplesmente, se negarem a sair, 2 por causa dos filhos, 2 por motivo de trabalho, dentre outras considerações. Em contrapartida, apenas 6 indicaram querer sair por falta de emprego e 1 por não gostar do Sapé, além de outras justificativas.

Nessa perspectiva, permanecem alguns entrevistados residindo no povoado, filhos de antigos moradores ou não, e também o nascimento de novas gerações, trazendo consigo a história, memórias dos seus familiares que viveram/vivem no Sapé, enfim, o enraizamento.

2.6 Área de estudo

2.6.1 O município de Itaporanga D'Ajuda

Itaporanga D'Ajuda/Se está inserido no Território da Grande Aracaju (SEPLAN, 2009) e possui, conforme o IBGE, cerca de 32.496 habitantes. A área territorial é de 739,925 Km² e a distância que separa sua sede da capital do estado é de apenas 29 Km.

Localizado à margem direita do rio Vasa Barris, o município tem sua formação associada à presença e a resistência dos indígenas tupinambás, sob o comando do cacique Surubi, ao processo de colonização. O nome Itaporanga é de origem tupi, cujo significado é “pedra bonita”.

Nessa retrospectiva histórica, em 1575, os padres jesuítas, Gaspar Lourenço e João Solônio chegaram àquelas terras com a missão de atenuar uma possível resistência dos indígenas a ocupação das terras pelos colonizadores. Contudo, eles não obtiveram êxito. Nessa perspectiva, em 1590 teve início a conquista do território de Sergipe, incluindo as terras do referido município, com uso da violência. Conforme o relato dos historiadores, a exemplo de Felisbello Freire, figura ilustre na história do estado e filho de Itaporanga D’Ajuda, a ocupação destas terras se deu com muita resistência dos índios que ali habitavam.

Mas, apesar de toda a resistência, em 1753 Francisco de Sá Souto Maior tomou posse das terras do município, levando os índios a se afastarem e formarem uma povoação denominada de Aldeia de Água Azeda. A partir desse momento, os colonizadores montaram engenhos, plantaram mandioca e construíram portos que serviram para escoar a produção.

O nome do município traz consigo também uma referência à padroeira de uma cidade em Portugal, Nossa Senhora da Ajuda, a qual também se tornou padroeira deste território. No ano de 1854 a freguesia torna-se vila, com o nome de Itaporanga, e, em 1949, por uma lei estadual, passa a ser chamado de Itaporanga D’Ajuda.

2.6.2 O povoado Sapé

O povoado Sapé está localizado na porção Noroeste do município de Itaporanga D’Ajuda e possui, conforme dados coletados em trabalhos de campo, uma população de 1.237 habitantes (figura 7).

FIGURA 7 – Mapa de Itaporanga D’Ajuda/Se

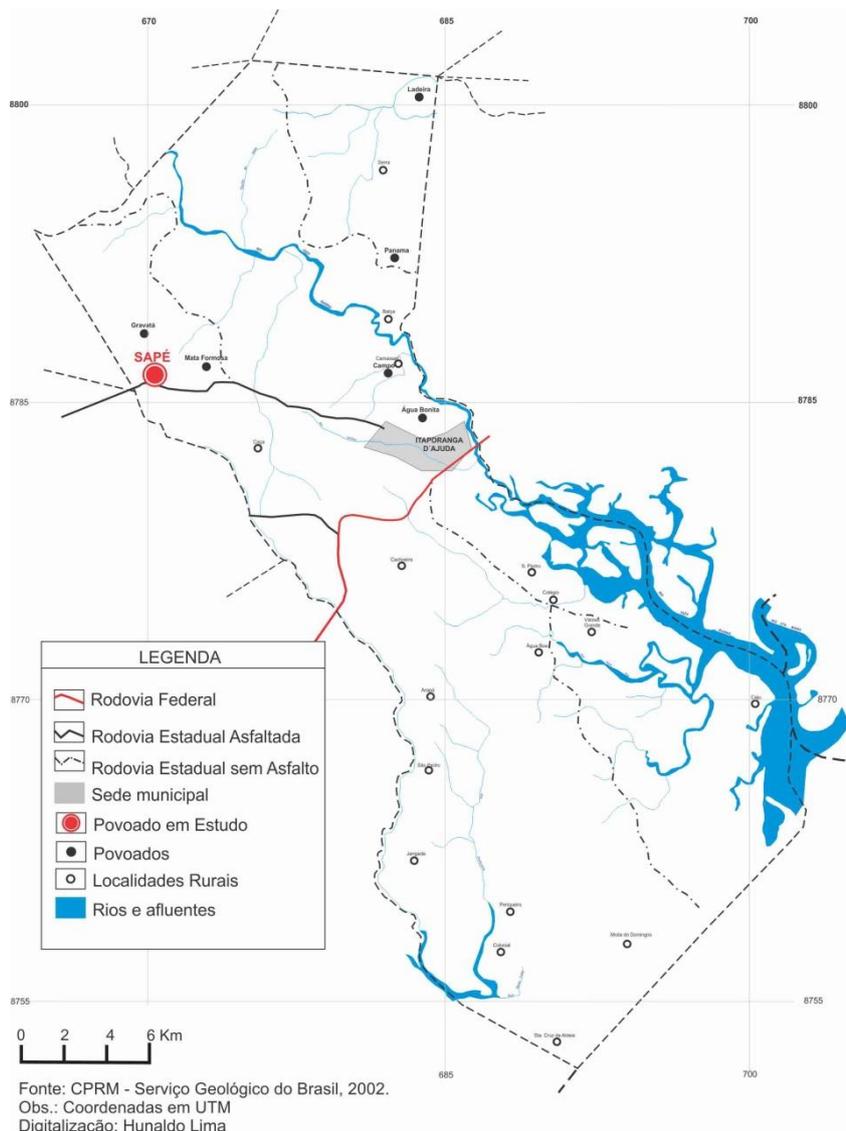


Figura 03: Mapa da localização do povoado Sapé, Itaporanga d’ Ajuda - Sergipe, 2013.

O Sapé tem sua origem como passagem de tropas e mercadorias. Desse modo, verifica-se que o povoado se desenvolveu ao longo da estrada do Sapé pela qual trafegam veículos particulares e de empresas de transporte intermunicipal, ligando Itaporanga D’Ajuda ao município de Lagarto e a povoados, como Tapera, Chan, Colônia Sapé e Jenipapo.

Conforme relatos dos moradores que nasceram e se criaram no Sapé, no passado, a vida era pacata, sossegada, sem registros de violência. As ruas não eram asfaltadas, nem a estrada principal, a qual era acompanhada por fruteiras em suas margens. As casas eram de taipa, não existiam serviços de distribuição de

água ou energia, não havia escola ou posto de saúde. Quem precisasse de água pegava na fonte, na cacimba. Atualmente, quando falta água o povo ainda recorre a esta fonte.

No lugar da igreja havia uma capela e as bodegas antecederam os atuais mercadinhos. Quem precisasse se deslocar para outros lugares utilizava como meio de transporte o lombo de animais, o carro de boi, carroça até chegar os veículos denominados “paus de arara”: *A estrada não era calçada. A vida era pior, não tinha transporte, ia pra Itaporanga de pé e de carroça; de jegue (Relato de moradora).*

Os homens adentravam as matas em busca de fibras de plantas, como as do tucum¹, e da lenha para fazer carvão e as mulheres se dedicavam aos trabalhos da casa e às rendas. Havia uma maior proximidade dos moradores, tendo em vista também o pouco número de habitantes: *A vida era os homens ir para o mato pegar a fibra do tucum e a lenha e as mulheres fazer a renda (Relato de antigo morador).*

As festas, como as juninas e as da padroeira, aproximavam ainda mais os moradores, que juntos as organizavam, num clima familiar e de respeito. Havia a figura de um “homem da lei”, o sargento Chico de Florzinha, que junto com sua esposa exerciam grande influência no território, uma vez que ele zelava pela segurança e a mulher pelas tradições, pela moral e pelos bons costumes.

As festas de senhora Santana faziam gosto. Chico de Florzinha, sargento, e sua esposa faziam as festas. Vinha missionário, tinha palanque, procissão organizada, com o santo em destaque. Hoje a procissão parece um enterro. Hoje falta respeito nas festas no Sapé (Relato de antiga moradora).

Os antigos moradores também relatam que com a falta de uma iluminação pública, as pessoas evitavam sair de casa à noite. Uma lenda do lobisomem, o qual seria “seu Noquinho”, que andava como um cachorro quando se transformava, contribuía ainda mais para esse temor, especialmente das moças.

Alguns moradores também mencionaram os grupos folclóricos que existiram no Sapé, a exemplo do São Gonçalo e do Reisado, que foram acabando à medida que seus integrantes faleceram. Os festejos juninos são mencionados com

¹ Tucum (Bactris setosa). Também denominado tucunzeiro, ticum ou tecum. Palmeira que cresce até 12 metros. Seus frutos maduros são saborosos e comumente utilizados em infusão na aguardente. As fibras são fortes e muito úteis. Ferreira, A.B.H. Novo Dicionário de língua portuguesa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

saudade por muitos entrevistados mais idosos, pois recordam da paisagem do povoado transformado em arraial, da proximidade das pessoas, da ausência de conflitos, das quadrilhas juninas e do forró pé de serra.

Além dos festejos juninos e da festa da padroeira, uma outra festa lembrada com carinho por muitos entrevistados foi a vaquejada. Conforme um morador, sobrinho do fundador da vaquejada, conhecido como “Alison de Badá” e também organizador da festa, há mais de 20 anos a vaquejada era realizada. Ocorria no Parque dos Coqueiros, atualmente denominado de Rancho.

A festa atraía pessoas de outros estados, especialmente vaqueiros que recebiam convites ou eram informados pelos meios de comunicação da época. O espaço onde ocorria a festa foi arrendado, porém o sobrinho do fundador garantiu que pretende reaver o lugar, voltar a realizar a festa e retomar a denominação de Parque dos Coqueiros.

Quando não existia o posto de saúde, o médico Dr. Ademar Reis atendia os moradores numa casa com 3 compartimentos. Esta casa era de propriedade de um ex-prefeito do município, Manoel Conde Sobral. Em 1976 foi inaugurado o posto de saúde do Sapé, cujo nome é em homenagem ao médico que dedicou sua vida a saúde daqueles moradores.

Antes que houvesse a escola municipal Professor Nilson Barreto Socorro, havia uma casa onde algumas mulheres da comunidade se revezavam como professoras, a exemplo de Dona Valdice e Dona Florzinha.

O tempo passou, o número de habitantes aumentou, o comportamento modificou, pessoas de fora chegaram e o povoado cresceu e se desenvolveu. Atualmente, o povoado possui sua estrada pavimentada, bem como algumas das suas ruas; casas de alvenaria, serviços de água, luz, telefone e linhas de transporte intermunicipais.

O Sapé possui um posto de saúde, uma escola municipal de ensino fundamental, um posto dos Correios, um clube/associação dos moradores, 5 mercearias, 2 padarias, 4 lojas de roupas, 6 oficinas de automóveis, 5 salões de beleza, uma *lan house*, 3 bares, uma lanchonete/restaurante, uma loja de rações, uma congregação presbiteriana e uma igreja católica.

O posto de saúde Dr. Ademar Reis é considerado uma Unidade de Saúde da Família. Atualmente está sob a responsabilidade da prefeitura municipal de

Itaporanga D'Ajuda. Conta com uma equipe composta de um auxiliar de serviços gerais, 3 auxiliares de enfermagem, uma enfermeira, uma médica e um dentista, dentre os quais, 2 das auxiliares e a funcionária de serviços gerais residem no Sapé e os demais em Aracaju.

O posto oferece atendimentos como pré-consulta, pré-natal, exames preventivos (lâmina), curativos, campanhas de vacinação, nebulização, cadastro de hipertensos e diabéticos, fornecimento de medicamentos, visita domiciliar aos acamados e tratamento dentário.

A Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro funciona nos três turnos e oferece o ensino fundamental menor e maior, desde o 1º até o 9º ano, além da modalidade EJA (Ensino de Jovens e Adultos), à noite. Já recebeu o nome de Escola Rural nº 120 e esteve sob a responsabilidade do estado de Sergipe. Passou por ampliações do espaço, com a construção de novas salas de aula, tanto no período sob a tutela do estado de Sergipe, quanto quando passou a ser de responsabilidade do município de Itaporanga D'Ajuda.

Atualmente está organizada em dois prédios, sendo um a escola principal e o outro um anexo que comporta as séries iniciais do ensino fundamental. Atende a pouco mais de 700 alunos, oriundos do povoado Sapé e circunvizinhos, a exemplo dos povoados Colônia Sapé, Chan e Tapera.

Os funcionários administrativos e de serviços gerais, em sua maioria, residem no povoado Sapé ou em outras localidades do município de Itaporanga D'Ajuda. Dentre os professores, há aqueles nascidos e criados no Sapé, que lecionam nas séries iniciais do ensino fundamental. Nesse caso, enfatizamos a totalidade do gênero feminino.

Embora estas professoras trabalhem com as séries iniciais do ensino, todas possuem formação superior e algumas informaram possuir pós-graduação em nível de especialização. A opção de ensinar as primeiras séries é voluntária e por afinidade.

Os outros professores, em sua maioria, são provenientes de Aracaju, os quais lecionam do 6º ao 9º ano e na modalidade EJA. Estes realizam, cotidianamente, a migração pendular e se deslocam para lá utilizando os transportes públicos (linhas de ônibus intermunicipais), o transporte oferecido pela prefeitura (da sede de Itaporanga D'Ajuda ao povoado) ou carro próprio.

FIGURA 8 – Sapé: estrada municipal que “corta” o povoado



Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.
Org.: GOMES, A.H.A.S.

A imagem acima (figura 8) retrata uma parte da rodovia Arnaldo Garcez, que liga Itaporanga D’Ajuda a Lagarto e “corta” o povoado Sapé. Essa estrada é significativa para os moradores do Sapé, uma vez que está presente nas respostas das entrevistas, tanto das crianças como dos adultos, como um referencial do povoado.

Já a foto a seguir apresenta a única instituição de ensino pública do povoado, a qual está localizada próxima a estrada do Sapé e ao lado do posto de saúde. Essa escola atende crianças do Sapé e povoados circunvizinhos, como Chan, Colônia Sapé e Tapera, oferecendo turmas regulares do ensino fundamental menor, maior e a modalidade EJA (figura 9).

FIGURA 9 – Sapé: Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro



Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.
Org.: GOMES, A.H.A.S.

A fotografia a seguir demonstra mudanças nas paisagens do povoado, ao longo do tempo, como as casas de alvenaria, em substituição às casas de taipa e as ruas asfaltadas (figura 10).

FIGURA 10 – Sapé: paisagem urbana - ruas pavimentadas e casas de alvenaria



Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.
Org.: GOMES, A.H.A.S.

Embora as casas de alvenaria tenham substituído as casas de taipa, observa-se o predomínio de casas simples, com fachada frontal e rente às calçadas. O processo de substituição pode ser observado pela irregularidade da largura das calçadas após a implantação das ruas: ora largas, ora estreitas e ora ainda, sem calçada.

O posto de saúde é outro referencial do Sapé citado pelos entrevistados de todas as faixas etárias, uma vez que oferece atendimentos preventivos e de pequena gravidade, para moradores, do recém-nascido ao idoso. Também representa um aspecto positivo observado pelos entrevistados mais idosos, que relembrou a casa improvisada onde o Dr. Aldemar Reis atendia os moradores (figura 11).

FIGURA 11 – Sapé: posto de saúde



Fonte: Trabalho de Campo, 2012.
Org.: GOMES, A.H.A.S.

O povoado possui duas igrejas, uma católica e uma presbiteriana. No passado, os moradores mencionaram existir uma capela, que fora substituída pela construção exposta na figura 12. A padroeira do povoado cultuada e preservada nesta igreja é a Nossa Senhora Santana.

A igreja presbiteriana localiza-se às margens da estrada do Sapé, logo na entrada do povoado, em frente à escola municipal e o posto de saúde.

FIGURA 12 – Sapé: igreja católica



Fonte: Trabalho de Campo, 2012.
Org.: GOMES, A.H.A.S.

FIGURA 13– Sapé: igreja presbiteriana



Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.
Org.: GOMES, A.H.A.S.

Completam os espaços construídos sinalizados nos mapas mentais dos alunos e nas entrevistas as praças públicas, os campos de futebol, a quadra de esportes, fazendas, sítios e ranchos, o cemitério e a lavanderia.

Os campos e quadra de esporte estão presentes nos mapas mentais de crianças e nas respostas dos adultos, como elementos significativos do Sapé. No

fundo da imagem (figura 14), em último plano, podemos visualizar um grande muro branco e uma construção. Trata-se do antigo Parque dos Coqueiros, atualmente arrendado e transformado em rancho, onde ocorriam as vaquejadas, manifestação cultural bastante lembrada pelos entrevistados, especialmente os mais adultos, a qual não tem ocorrido desde que o espaço foi alugado.

FIGURA 14 – Sapé: campos e quadras de esportes



Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.
Org.: GOMES, A.H.A.S.

FIGURA 15 – Sapé: clube e centro comunitário



Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.
Org.: GOMES, A.H.A.S.

Alguns eventos sociais, como festas particulares de aniversário, e a ginástica oferecida pela prefeitura, ocorrem no centro comunitário do povoado (figura 15).

FIGURA 16 – Sapé:praça, bar e lanchonete



Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.
Org.: GOMES, A.H.A.S.

As praças do povoado ainda são frequentadas pelos moradores como ponto de encontro e de lazer. Em períodos de festa, como as juninas ou da padroeira, observa-se que elas são modificadas e/ou utilizadas nos eventos. Na figura 16, no canto direito da imagem pode-se observar um bar e uma lanchonete, elementos citados pelos entrevistados como significativos.

Os moradores trabalham tanto em atividades rurais quanto urbanas. Há os que são funcionários públicos municipais e/ou estaduais (professores, auxiliares administrativos e de serviços gerais), os que trabalham no comércio local ou em outras localidades, os que trabalham em indústrias, os que trabalham em casas de família ou nas propriedades rurais e os que vivem de auxílios governamentais.

Atualmente, os moradores percebem as mudanças que o Sapé sofreu ao longo do tempo, tanto no sentido visual quanto comportamental. Alguns habitantes tentam preservar certos costumes e festas tradicionais.

Um exemplo da busca de preservação das tradições culturais do Sapé é a festa da Padroeira Nossa Senhora Santana, mencionada por entrevistados.

As festividades ocorrem no mês de julho. Neste ano de 2013 a festa teve início no dia 19 de julho, com novenário e a culminância no domingo, dia 28, com programação que incluía alvorada festiva, ofício de Nossa Senhora, café da manhã, batizados, procissão solene e missa festiva.

Pudemos acompanhar a procissão e relembrar os relatos dos moradores entrevistados, tanto dos aspectos que eles consideravam positivos, como a importância da preservação da festa, quanto negativos, a exemplo do que alguns consideram falta de respeito de muitos moradores e visitantes pelo sagrado.

FIGURA 17 – Festa de Nossa Senhora Santana: concentração para a procissão



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.
Org.: GOMES, A.H.A.S.

Antes do início da procissão, moradores do Sapé e pessoas de povoados vizinhos, da sede do município, bem como ex-moradores do povoado que retornam no período da festa, se concentram em frente à igreja católica do lugar. Em seguida eles vão se organizando em seus respectivos lugares e a procissão se inicia 9 figuras (17, 18, 19 e 20).

FIGURA 18 – Início da procissão de Nossa Senhora Santana



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.
Org.: GOMES, A.H.A.S.

Desde pequenos, muitos moradores participam da festa da padroeira, tanto de forma direta quanto indireta. Nesse sentido, torna-se uma forma de reforçar as tradições do Sapé, passadas de geração a geração entre os habitantes do povoado, como as crianças vestidas de anjo (figura 19).

FIGURA 19 – Crianças na procissão



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.
Org.: GOMES, A.H.A.S.

O pároco dá início à procissão, com a imagem de Nossa Senhora Santana sendo conduzida por fiéis, que a retiram de dentro da igreja e a conduzem ao longo do percurso. Um trio elétrico com cantores da paróquia entoando cânticos cristãos, dentre os quais exaltando Nossa Senhora.

Ao longo do trajeto são feitas preces e entoados cânticos, com muitos fogos de artifício sendo detonados. O percurso da procissão parte da rua da igreja católica e segue pelas ruas vizinhas, contornando o quarteirão, passando pela estrada do Sapé até encontrar a praça ao lado da igreja e terminar conduzindo a imagem de volta ao altar.

Verificamos devotos, ao longo do trajeto, pagando promessas e a presença de autoridades locais prestigiando a festa, como secretários municipais, vereadores e a prefeita do município, em exercício (figura 21 e 22).

FIGURA 20 – Sapé: andor da padroeira Nossa Senhora Santana



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.
Org.: GOMES, A.H.A.S.

Diferente do passado, os cânticos da procissão, atualmente, são entoados pelo som eletônico em trio elétrico (figura 23). Mas, segundo relatos, a presença de autoridades é uma tradição e revela a importância não somente da religiosidade como também uma referência para o povoado Sapé (figura 24).

FIGURAS 21 e 22 – Pagamento de promessas na procissão da padroeira



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.



Org.: GOMES, A.H.A.S.

FIGURA 23 – Trio elétrico a frente da procissão



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Org.: GOMES, A.H.A.S.

FIGURA 24 – Autoridades municipais na procissão da padroeira



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.
Org.: GOMES, A.H.A.S.

A praça ao lado da igreja católica passa por transformações no período desta festa, com a chegada de brinquedos de diversão para as crianças e de vendedores ambulantes, de lanches e artigos religiosos.

FIGURA 25 – Sapé: mudanças na paisagem durante a festa da padroeira



Fonte: Trabalho de Campo, 2013.
Organização: GOMES, A.H.A.S.

A procissão termina na igreja, quando os fiéis, conduzidos pelo pároco, retornam a imagem para o altar e tem início uma missa (figura 26).

FIGURA 26 – Nossa Senhora Santana sendo trazida ao altar



Fonte: Trabalho de Campo, 2013.
Organização: GOMES, A.H.A.S.

A missa encerra os rituais religiosos com a participação massiva dos católicos do povoado. É o momento em que agradecem “mais um ano” na expectativa de bons tempos para o próximo. Quanto as brincadeiras no parquinho e os encontros que encerram o “entorno” da festa a Nossa Senhora Santata, observa-se um comportamento coletivo de aproveitar ao máximo esse momento proporcionado pelo acontecimento. O território da festa logo “desaparecerá” e, no dia seguinte, a normalidade do cotidiano direcionará o ritmo da vida do povoado.

Com relação ao ritmo da vida, uma das maiores reclamações dos moradores quanto às mudanças comportamentais da população atual do Sapé é a violência. Segundo alguns entrevistados, a violência tem crescido na localidade, associada ao uso de drogas. Algumas explicações apontadas é a presença de “forasteiros”, que trazem esses costumes aos jovens locais, bem como a falta de um posto policial, que promova mais segurança aos moradores.

*Está pior no povoado os assaltos, drogas e criminalidade. São pessoas que vêm de fora (Relato de moradora);
... antes era muito calmo. Hoje tem drogas, marginais (Relato de antiga moradora);
O povoado cresceu e não tem uma delegacia. A segurança precisa melhorar (Relato de antiga moradora)*

Neste sentido, recordamos do passado mencionado pelos entrevistados mais antigos, da presença de “um homem da lei”, que zelava e coibia os casos de violência.

É possível perceber as mudanças na paisagem, nos costumes e nas tradições, pelos relatos dos entrevistados, pelo levantamento fotográfico e pelos mapas mentais dos estudantes, um retrato do Sapé do passado e do Sapé do presente.

Embora os festejos juninos e a festa de Nossa Senhora Santana sejam símbolos de preservação da cultura do Sapé, as mudanças atuais puderam ser captadas nas respostas, assim como nas observações de campo.

Nos festejos juninos, temos a substituição do forró pé de serra pelas bandas eletrônicas, além da organização voltada para visitantes, e não somente para a comunidade local. Neste sentido, os moradores relatam confusões e atos violentos, para os quais culpam os “forasteiros”.

Na festa da padroeira percebemos o uso de um trio elétrico, à frente da procissão, bem como uma maior aproximação da comunidade com a imagem da padroeira, fato que não ocorria no passado, conforme relatos de antigos moradores, configurando o que eles denominaram de falta de respeito ao sagrado.

CAPÍTULO 3
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo apresentamos análises que resultam de reflexões ao longo do percurso desta pesquisa, que tiveram início desde a fase do levantamento teórico, passando pelos trabalhos de campo até a análise das entrevistas. Expomos observações, associando-as a fundamentação teórica e as categorias de análise que trabalhamos.

3.1 Território híbrido: Multiterritorialidade

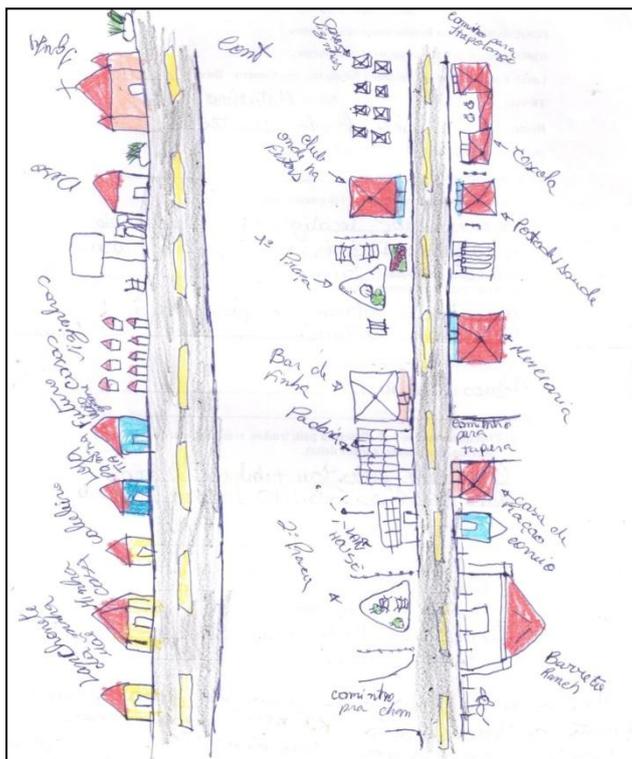
É possível perceber, analisando os desenhos dos alunos da escola municipal Professor Nilson Barreto Socorro e das respostas dos entrevistados, os aspectos relacionados ao enraizamento territorial e a Multiterritorialidade.

A própria formação do povoado nos faz refletir sobre a relação que os lugares mantém entre si, pois, conforme expusemos, o povoado se constituiu ao longo de uma estrada pela qual passavam tropas e mercadorias.

Segundo Haesbaert (2007), no contexto atual as pessoas vivenciam uma maior mobilidade e conexões com outros territórios, tanto de modo sucessivo quanto simultâneo. Mas, analisando as entrevistas dos moradores e os desenhos dos estudantes, verificamos que alguns mantêm um cotidiano quase totalmente recluso ao povoado, enquanto outros estão articulados, tanto simultânea quanto sucessivamente, a interações mais abrangentes.

Na figura 27 apresentamos um mapa mental, no qual destacamos a estrada do Sapé e um ícone denominado de *lan house*. A estrada é um elemento construído (Kozel, 2009) e símbolo presente em grande parte dos desenhos analisados, por onde trafegam os principais meios de transporte informados pelos entrevistados, possibilitando a mobilidade sucessiva, ligando-os a outros territórios por diversas motivações.

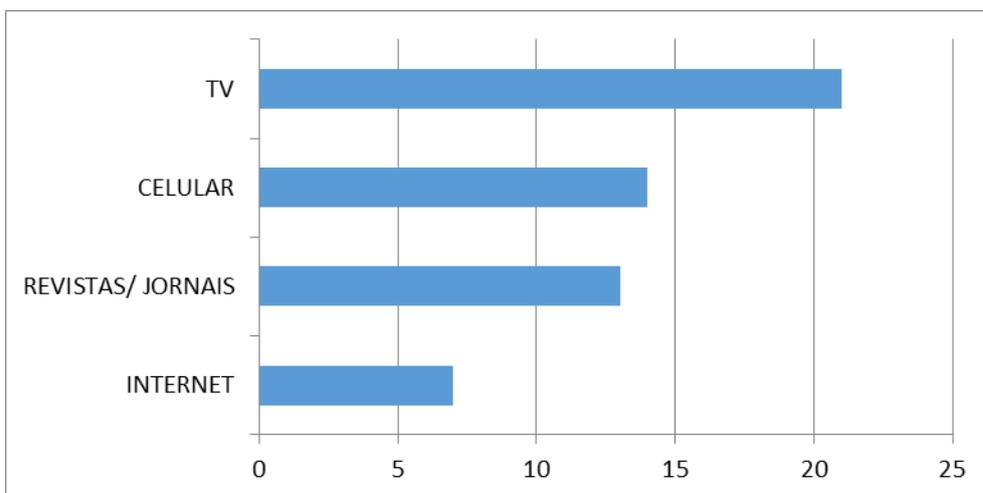
FIGURA 27 – Sapé: mapa mental – estrada, lan house e outros.



Fonte: Trabalhos de campo, 2011 e 2012
 Organização: GOMES, A. H. A. S.

Quando questionamos sobre os meios de comunicação utilizados em seus cotidianos, obtivemos como resposta a TV seguida do celular e de revistas/jornais (gráfico 10).

GRÁFICO 10 – Sapé: meios de comunicação



Fonte: Trabalho de Campo, 2012.
 Organização: GOMES, A.H.A.S.

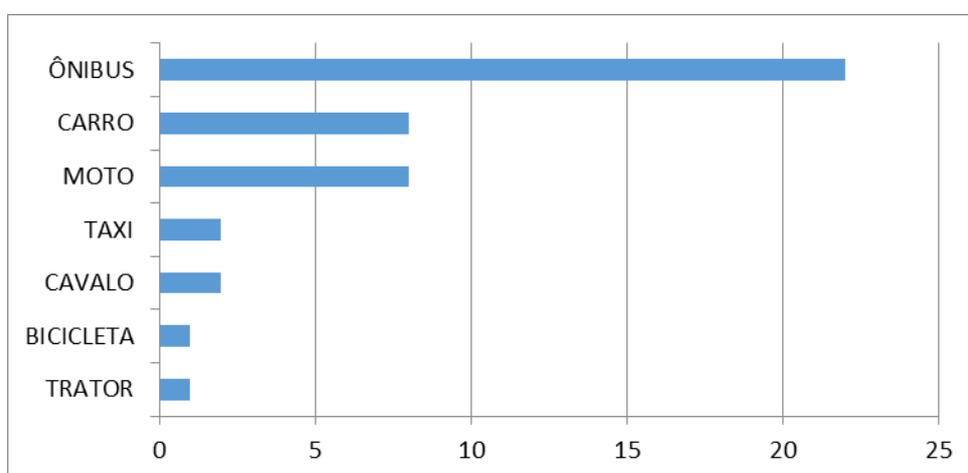
A internet é um meio de comunicação que permite as pessoas se conectarem, de modo simultâneo, a diversos lugares do mundo, ampliando suas experiências e contatos cotidianos. Dentre os 24 entrevistados, 14 informaram utilizar o celular como meio de comunicação e apenas 7 a internet. A única *lan house* do Sapé é o local onde a maioria dos moradores procura para se conectar. Dentre a faixa etária dos que responderam que utilizam a internet identificamos aqueles entre 21 a 50 anos de idade.

Um dos meios de comunicação mais citados foi a TV. Dentre os 24 entrevistados, 21 responderam que a utilizam. Observando o cotidiano desses moradores, semanalmente, nos três turnos de uma dia, boa parte das horas é utilizada diante desse meio de comunicação. Sabe-se que os programas televisivos, como os de auditório, as telenovelas, os telejornais e as propagandas comerciais, atuam, de modo contundente, influenciando o comportamento dos telespectadores, ditando novos costumes, podendo a todo instante se fazer presente e transmitir imagens e notícias de todas as partes do planeta, em tempo real.

Nesse sentido, verificamos que a TV pode influenciar no processo de identificação de moradores, tanto em relação ao Sapé quanto com outros territórios, proporcionando também a multiterritorialização simultânea.

Além da mobilidade simultânea, os moradores informaram como realizam seus deslocamentos sucessivos, indicando os meios de deslocamento utilizados, principalmente o ônibus e o carro (gráfico 11).

GRÁFICO 11 – Sapé: meios de deslocamentos



Fonte: Trabalho de Campo, 2012.
Organização: GOMES, A.H.A.S.

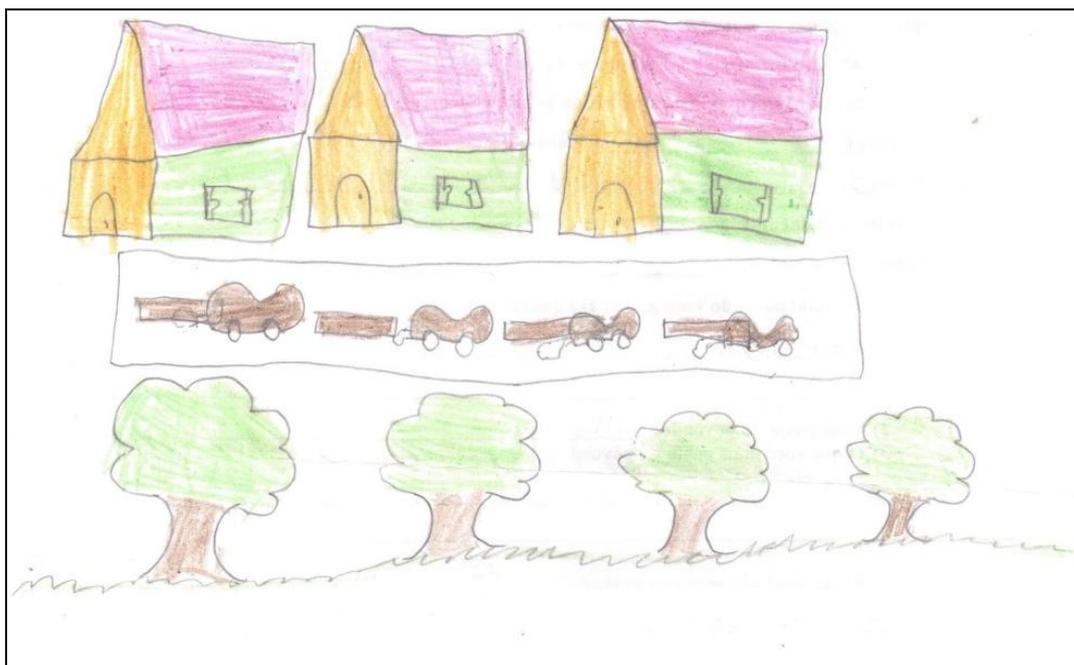
O ônibus é o principal meio de transporte. O povoado é servido por duas empresas de transporte intermunicipais, as quais oferecem diversos horários, desde as primeiras horas da manhã, com destino tanto a Aracaju quanto a povoados de Lagarto. Em Aracaju os usuários destas linhas se dirigem a rodoviária velha para embarcarem com destino ao povoado Sapé. Dentre os povoados de Itaporanga D'Ajuda, o Sapé é um dos que possui ônibus com rota e horários exclusivos.

Além de alguns moradores que possuem automóveis próprios, outros utilizam os táxis lotação que possuem ponto na sede do município, para deslocamentos dentro de Itaporanga D'Ajuda ou em direção a capital e/ou outros municípios.

As motos vêm galgando espaço e já se igualam ao carro dentre os entrevistados, traduzindo maior flexibilidade de deslocamento a custo inferior. A bicicleta e o cavalo, mais lentos, vão se tornando meios de locomoção resquícios do povoado.

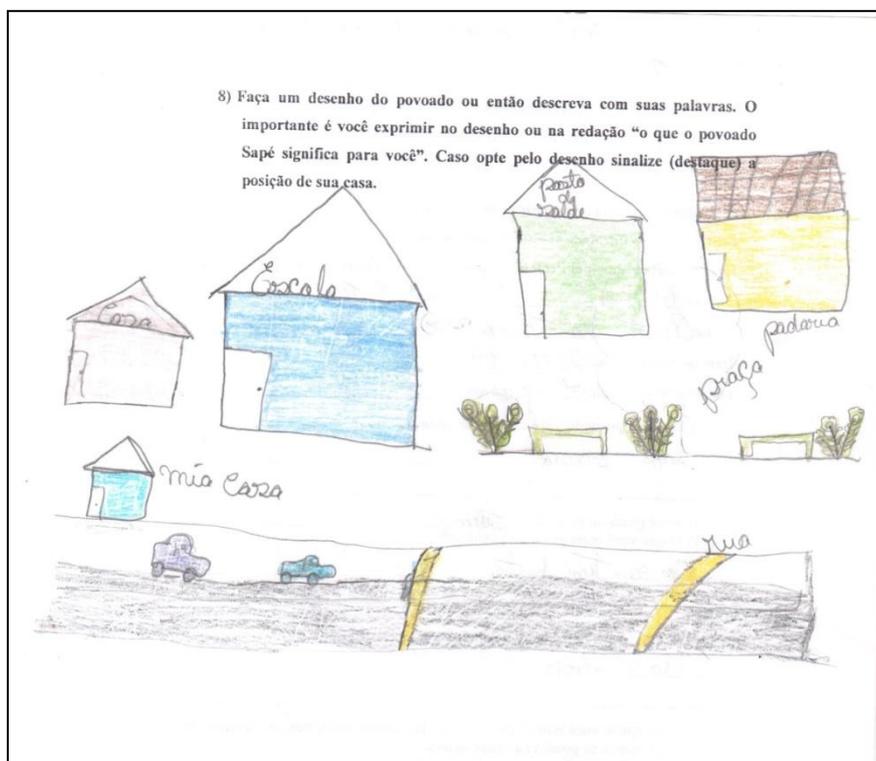
Alguns desenhos de estudantes revelam, além da estrada do Sapé, ícones que representam os meios de transporte utilizados pelos moradores, a exemplo das figuras 28 e 29, onde se destacam caminhões e carros trafegando pela rua/estrada do Sapé.

FIGURA 28 – Sapé: representação dos meios de transporte



Fonte: Trabalhos de campo, 2011 e 2012
Organização: GOMES, A. H. A. S.

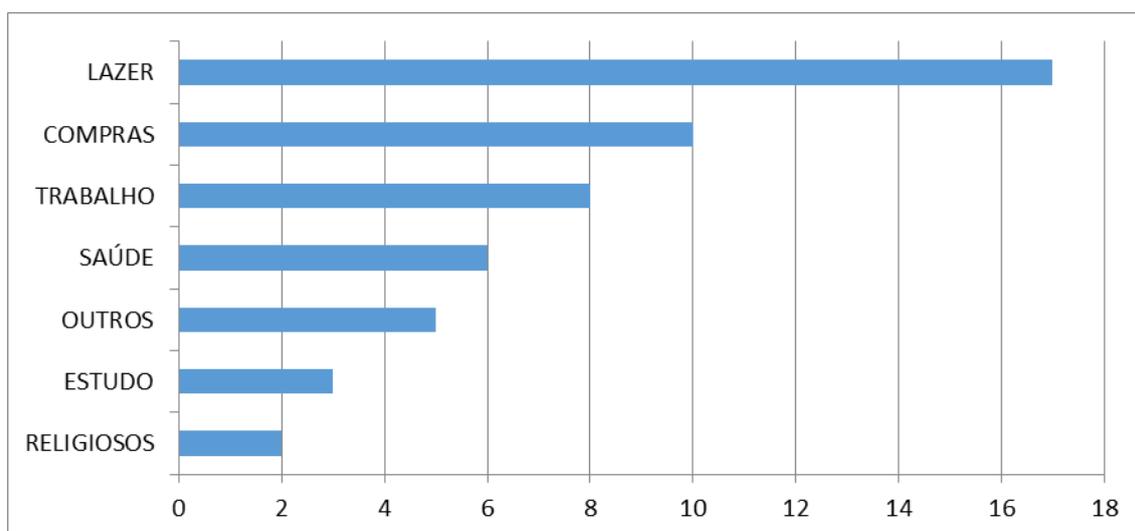
FIGURA 29 – Sapé: representação dos meios de transporte



Fonte: Trabalhos de campo, 2011 e 2012
 Organização: GOMES, A. H. A. S.

As motivações para os movimentos sucessivos são diversas. Observa-se que o lazer é a principal motivação, como mostra o gráfico 12.

GRÁFICO 12 – MOTIVAÇÃO DESLOCAMENTOS



Fonte: Trabalho de Campo – Entrevistados, 2012.
 Organização: GOMES, A.H.A.S.

O lazer ocorre em viagens para a praia da Caueira, em visitas a outros familiares e quando se dirigem para as festas em outros municípios. Nesse sentido, observa-se que a “quebra da rotina” é uma prática dos moradores com nítida distinção entre os dias de trabalho e os dias de lazer. Por outro lado, ressaltamos a idade dos entrevistados (adultos) e o contexto de nossa pergunta voltada para as atividades familiares e não somente do indivíduo entrevistado.

Como o comércio no povoado é pouco diversificado, as compras apareceram com 10 respostas, principalmente para suprir necessidades alimentares, vestuário e outros bens de consumo.

Dentre os entrevistados, 8 trabalham fora do povoado. Eles atuam no serviço público, na sede ou em outro município, como auxiliares administrativos, enquanto outros atuam como trabalhadores de indústria e ou do comércio.

Os problemas de saúde que exigem exames e especialidades médicas também são buscados na sede municipal e em Aracaju, assim como o estudo nos níveis médio, dentre os quais cursos técnicos profissionalizantes, além do superior.

Chama atenção dois entrevistados que se deslocam por motivos religiosos. Trata-se de duas mulheres, uma com 24 e a outra 42 anos. A primeira é dona de casa e afirmou participar dos festejos da padroeira do município, na sede, os quais ocorrem na última semana do mês de janeiro e início de fevereiro. A segunda, que trabalha como auxiliar de serviços gerais, no posto de saúde, informou que paga promessa em Divina Pastora. São, portanto, deslocamentos já incorporados na rotina dessas pessoas.

Quando questionamos sobre os lugares que já haviam mantido contato nesses deslocamentos, em Sergipe e em outros estados do Brasil, foram reveladas as seguintes respostas expressas nos mapas a seguir (figura 30 e 31):

FIGURA 31 – Brasil – deslocamentos de moradores do Sapé

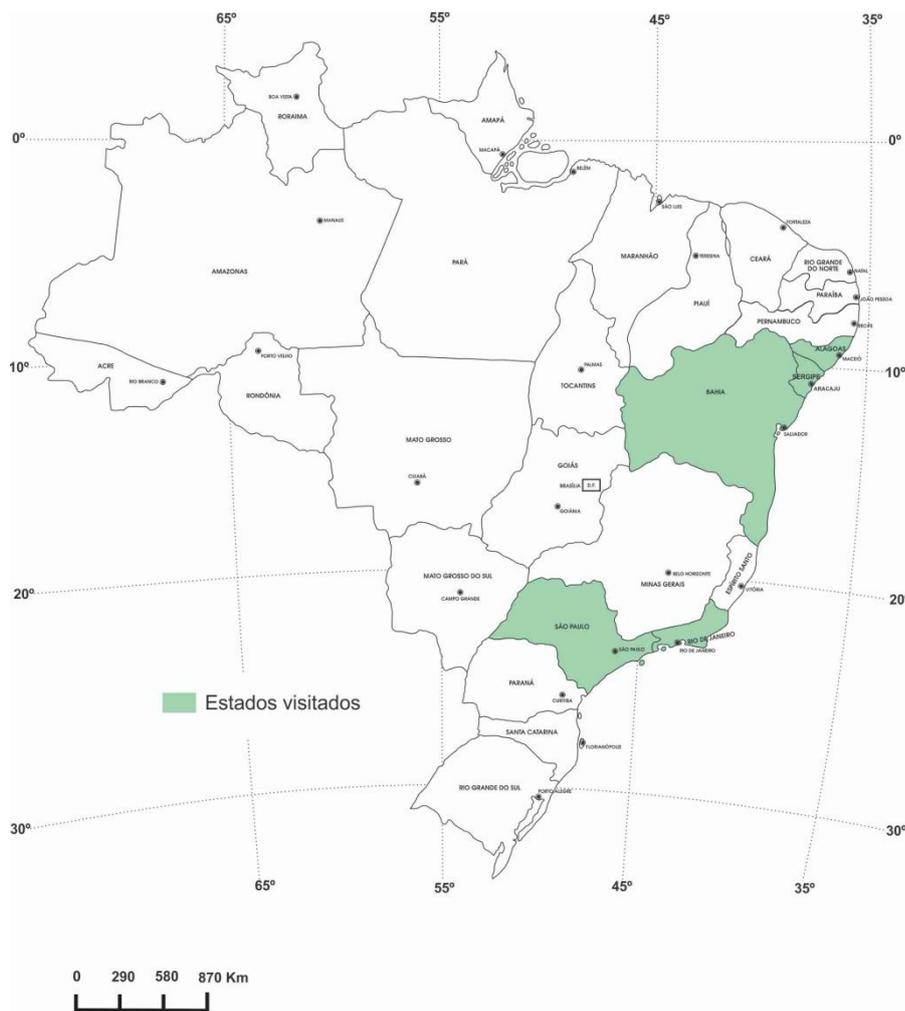


Figura 01: Mapa da localização do trabalho de campo, Brasil, 2013.

Em Sergipe os destinos de viagens mais mencionados foram Aracaju, Estância, Itabaiana, Itaporanga D’Ajuda (sede), Lagarto, Laranjeiras e Salgado. A nível de Brasil os lugares mais citados foram Alagoas, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo.

No estado de Sergipe percebemos que a maioria das respostas indicou uma concentração dos deslocamentos na região Centro Sul, especialmente para municípios em torno de Itaporanga D’Ajuda. Na escala nacional, a maioria das respostas dos depoentes teve concentração nas regiões Nordeste e Sudeste.

As respostas relacionadas ao cotidiano dos moradores também nos demonstram a reclusão de alguns mediante a mobilidade de outros, conforme explica Massey (1991) sobre a “geometria da compressão de tempo-espço”. Um morador pode ficar horas diante de um aparelho de TV, sendo informado sobre

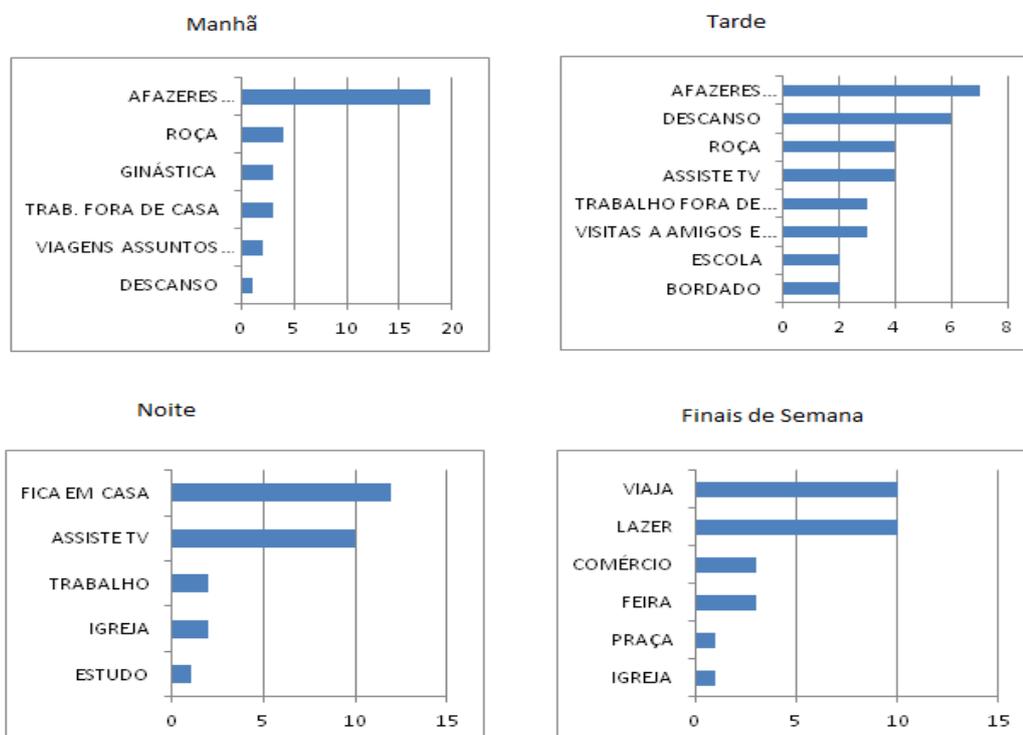
notícias do mundo e as últimas tendências de comportamento e expressões culturais. Contudo, na prática, muitos não saem do lugar onde vivem, mantendo-se fechados em suas próprias residências.

Esses dados revelam a dinâmica da mobilidade dos moradores do Sapé, relacionada, sobretudo, ao trabalho e seguido dos deslocamentos, para lazer e para visitar parentes, ou seja, em decorrência de laços afetivos.

Os estados de São Paulo e Rio de Janeiro foram os principais destinos de sergipanos nos movimentos migratórios das décadas de 1970 e 1980. Nesse aspecto, o Sapé não foge à regra da realidade sergipana. No entanto, a citação dos estados da Bahia e Alagoas é observada num processo recente de jovens adultos, sobretudo homens, estarem empregados em “firmas” de construção civil e obras, tais como rodovias e pontes e, por esse motivo, em muitas famílias entrevistadas, temos captado tais deslocamentos.

Perguntamos aos moradores como eram as manhãs, tardes, noites e fins de semana vivenciados por eles. Obtivemos as seguintes respostas:

GRÁFICO 13 – Sapé: cotidiano dos moradores



Fonte: Trabalho de Campo, 2012.
Organização: GOMES, A.H.A.S.

Os gráficos nos revelam que a maioria dos entrevistados são caseiros, uma vez se dedicam aos afazeres domésticos, ao descanso e assistem TV boa parte do tempo. Observa-se também que são trabalhadores, inseridos no mercado de trabalho e em atividades produtivas, sobretudo os homens, ocupados com a “roça” e/ou em empregos fora do povoado.

Identificamos que alguns moradores demonstraram ser vaidosos, especialmente mulheres na faixa etária dos 20 aos 40 anos, pois introduziram a ginástica que ocorre pelas manhãs no centro comunitário.

As viagens para assuntos diversos, para aquisição de bens e o acesso a serviços tais como saúde, ocupam o cotidiano e, nesses casos, os deslocamentos se fazem preferencialmente no turno matutino.

O descanso é “sagrado” à tarde, porém um entrevistado, um senhor de 100 anos de idade, devido as suas condições de saúde, afirmou também dormir um pouco pela manhã.

Os moradores revelaram-se afetivos, mantendo os laços familiares com visitas entre eles frequentemente às tardes. No turno da noite confirmamos a informação do quanto são caseiros, salvo por aqueles que mantém o hábito de frequentar a igreja, trabalhar e estudar neste turno.

Os finais de semana “literalmente” quebram o cotidiano, pois os entrevistados saem de suas casas para visitarem parentes em outras localidades, para ir às praias ou participarem de festas, bem como ir à feira (sede ou em outros municípios). Uma minoria quebra a rotina no próprio povoado, frequentando a praça e a igreja.

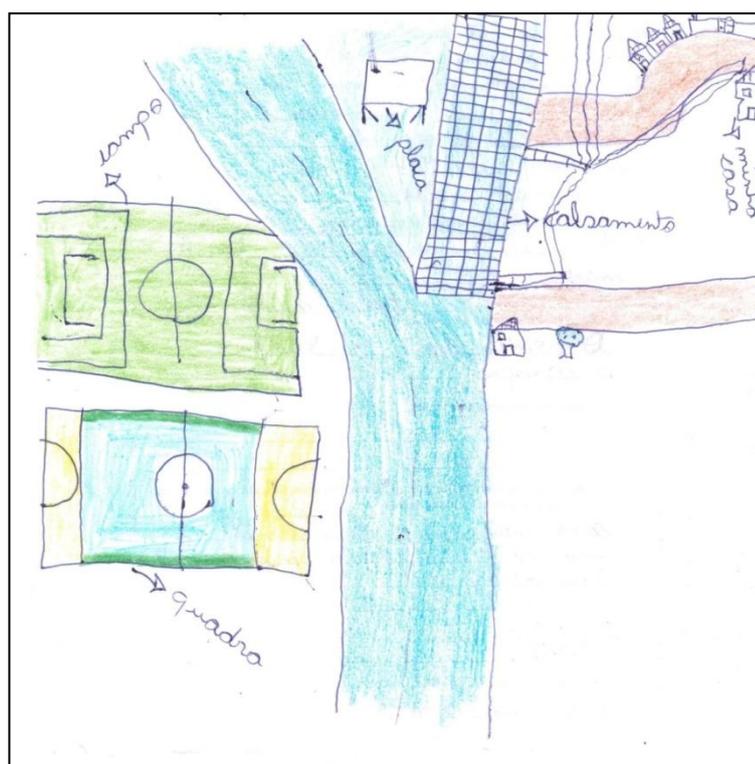
Diante do exposto, as entrevistas e desenhos nos revelam tanto experiências de multiterritorialização quanto de reclusão territorial, configurando o Sapé como um território híbrido, pois este conceito engloba uma complexa interação tempo-espço na qual as pessoas vivenciam múltiplos comportamentos, desde o fechamento e enraizamento até a multiterritorialização. Como colocado por Haesbaert (2007, p. 35), “num ir e vir entre as identidades abertas e negociáveis e as identidades “naturais” e essencializadas”.

3.2 Território e paisagem: sistemas e símbolos

Com Raffestin (1993), compreendemos que o território é constituído por um sistema de malhas, de nós e redes, construído com base em práticas socioespaciais. O Sapé, portanto, é tomado como um território, fruto das práticas socioespaciais que o produz e reproduz. Os atores sociais, sintagmáticos, são responsáveis por essa produção e reprodução.

Quando esses sujeitos sociais indicam os lugares onde residem e os espaços cotidianos nos quais estão presentes e que se apropriam, de forma concreta ou abstrata, como o local de trabalho, a escola, a igreja, o clube, o campo, dentre outros, são representados os pontos, os quais são os fixos ou localizações.

FIGURA 32 – Sapé: elementos fixos e localizações



Fonte: Trabalhos de campo, 2011 e 2012
Organização: GOMES, A. H. A. S.

Na figura 32 o aluno indica a casa onde sua família reside, algumas outras residências vizinhas, o campo, a quadra e a estrada do Sapé. Nessa perspectiva, os espaços apropriados pelo pequeno ator social representam os fixos

Neste desenho, o aluno destaca a pista principal do povoado, a qual, historicamente, sempre o ligou a outras localidades, proporcionando as interações dos moradores com outros lugares e pessoas, por necessidades variadas, que vão do lazer até a busca por tratamentos de saúde.

Além da pista principal, o desenho indica duas outras estradas, as quais ligam o Sapé aos povoados Tapera e Chan. Estas são redes visíveis no espaço, mas sabemos que os avanços tecnológicos ligam os indivíduos aos mais diversos lugares do mundo, de modo simultâneo.

O aluno aponta a existência de uma *lan house* que é frequentada por moradores que utilizam a internet, que possibilita conexões instantâneas com diversos lugares e pessoas. Além da internet, os moradores informaram, em entrevistas, que fazem uso do celular.

A análise dos deslocamentos e dos motivos que levam os entrevistados e membros de suas famílias a se deslocarem demonstra a conformação das redes visíveis pelo trabalho, saúde, aquisição de bens, dentre outros e, o gráfico 10 confirma o conteúdo das redes invisíveis apresentadas nos desenhos com o acesso e uso do celular e da internet.

Retomando Bonnemaïson (2002), recordamos que o primeiro reflexo visual da relação socioespacial estabelecida entre um grupo social e o seu território é a paisagem. Analisando este último desenho, podemos perceber alguns aspectos das paisagens do Sapé, as quais também foram representadas neste trabalho em fotografias. O aluno aponta a escola, o posto de saúde, praças, a igreja, lanchonetes, bares, além de indicar a sua própria casa e outras residências.

Cada um desses elementos construídos pelos atores sociais, presentes no povoado, ao longo do tempo, com suas respectivas finalidades, refletem a construção socioespacial do Sapé e a constituição de um território, neste caso, apropriado concretamente.

Conforme Bonnemaïson (2002), o espaço vivido está ligado ao reconhecimento e a familiaridade da vida cotidiana. Portanto, é na observação do cotidiano dos moradores e nas suas vivências que podemos conhecer os sentidos e significados daquele território para as suas vidas. Os símbolos estão encarnados nos lugares e ganham existência nesta interação das pessoas em seus espaços de

vivência, tal como expresso na figura 34 e na dinâmica do cotidiano relatada nas entrevistas (gráfico 13).

FIGURA 34 – Sapé: elementos significativos



Fonte: Trabalhos de campo, 2011 e 2012
Organização: GOMES, A. H. A. S.

A metodologia Kozel, como dissemos, é utilizada para decodificar os mapas mentais, analisando a distribuição, as especificidades dos ícones, a forma e as particularidades. No capítulo 2, no item “Tratamento dos dados”, expusemos parte dos resultados da aplicação dessa metodologia, na análise dos mapas mentais dos alunos.

Nesse sentido, apresentamos a forma de representação (Quadro 2, p. 45) e a distribuição dos elementos na imagem. Neste capítulo, temos exposto algumas particularidades dos desenhos, que também são integrantes da metodologia Kozel. O quadro 4 expõe as especificidades dos ícones verificados nos mapas que, neste caso, são elementos construídos e naturais dos 60 mapas mentais.

Quadro 4 – Especificidade dos ícones (Mapas mentais)

Nº	Elementos construídos	Qt.	Elementos naturais	Qt.
1	Casa	34	Céu, Sol	5
2	Minha casa	27	Plantas, grama	2
3	Ruas	26	Pessoas	2
4	Mercearia, mercadinho, padaria	15	Porco	1
5	Lanchonete, bar	12	Galinha	1
6	Escola	9	Cavalo	1
7	Campo	9	-	-
8	Praça	9	-	-
9	Ônibus, carro	6	-	-
10	Igreja	6	-	-
11	Pista	6	-	-
12	Sítio, fazenda	5	-	-
13	Cerca	5	-	-
14	Outros ²	25	-	-
	Total	194	Total	12

Fonte: Trabalho de campo, 2012.

Organização: GOMES, A. H. A. S.

Nas entrevistas, solicitamos que os moradores se imaginassem como pintores diante de uma tela em branco, e representassem nela tudo aquilo que eles mais gostam no povoado. Nesse sentido, estamos buscando conhecer os aspectos mais significativos do Sapé para esses moradores, tal como fizemos com os mapas mentais dos alunos da escola.

Algumas respostas dos entrevistados também podem ser verificadas nos desenhos dos alunos, a exemplo deste último. A escola é um dos elementos mais mencionados e presente neste mapa mental (figura 34), assim como as praças, a igreja, o comércio (mercadinhos, lanchonete, salão de beleza), as casas e o clube.

² Foram citados 2 e 1 vez, 25 outros elementos construídos, quais sejam: correio, caixa d'água, clube, casa de ração, posto de saúde, salão de cabeleireiro, loja, video game, Deso, lan house, sorveteria, oficina, lote, antena, quadra, farmácia e material de construção.

No quadro 5 expomos os ícones mais citados nas entrevistas, os quais também estão presentes nos mapas mentais dos alunos, como a escola, o posto de saúde, além do meio ambiente, as festas tradicionais, os grupos culturais, a família, amizade e sentimentos.

Quadro 5 – Especificidade dos ícones (entrevistas)

Nº	Elementos construídos	Qt.	Elementos naturais	Qt.
1	Escola	12	Meio ambiente ³	4
2	Praça	6	-	-
3	Posto de saúde	6	-	-
4	Igreja	6	-	-
5	Total	30	Total	4

Fonte: Trabalho de campo, 2012.
Organização: GOMES, A. H. A. S.

Os adultos indicaram a escola (12), a praça (6), o posto de saúde (6), a igreja (6) e o meio ambiente (4), como os mais significativos do Sapé, os quais são elementos visíveis da paisagem, além dos invisíveis, ligados a valores e sentimentos, como a amizade (4). Por outro lado, as crianças representaram as casas (34) e ruas (33) como mais significativas, além das árvores (22), que podem ser associadas à intenção dos adultos em mencionar o meio ambiente, uma vez que, no senso comum, o compreendem como portador apenas de elementos naturais.

Observamos que alguns moradores mencionaram um posto policial como um aspecto significativo do Sapé. Contudo, o povoado não o possui. Desse modo, percebemos que é uma construção mental, que representa um desejo coletivo, mediante os casos de violência. Recordamos os relatos de antigos moradores, que lembram com carinho de “um homem da lei”, que zelava pela segurança da comunidade.

Nos quadros mentais revelados nas entrevistas com os moradores observam-se aspectos visíveis e invisíveis da paisagem. Dentre os elementos

³ Observamos que os entrevistados se referiam ao meio ambiente relacionado a aspectos naturais e não a totalidade que envolve este conceito. Nesse sentido, estavam se referindo a árvores, rios, formas de relevo, dentre outros.

construídos, os mais citados foram a escola, a praça, o posto de saúde, a igreja e o meio ambiente. Os aspectos invisíveis, neste caso, ligados a valores e sentimentos, também foram mencionados, como esperança, amor e amizade. São expressões da “convivência secreta” que une aqueles moradores ao seu território, valores que traduzem enraizamento e pertencimento “encarnados” no lugar.

Comparando os desenhos dos alunos e os quadros mentais dos entrevistados, verificamos como dissemos alguns elementos construídos similares. Contudo, estatisticamente, os elementos visíveis que mais apareceram nos quadros mentais dos adultos não são os mesmos dos desenhos das crianças, exceto no que diz respeito ao meio ambiente.

Segundo Bonnemaïson (2012, 111), “Os símbolos ganham força e realce quando se encarnam em lugares”. Sendo assim, quando os adultos e crianças do Sapé mencionam a escola, a praça, a igreja, casas e ruas, dentre outros elementos das paisagens do povoado, não estão simplesmente citando exemplos comuns a outros territórios, mas elencando aqueles que têm um significado especial para eles neste lugar específico, dos quais se apropriam concreta e afetivamente.

3.3 Identidade territorial

Conforme Haesbaert (2007), são exemplos de identidade territorial as de bairro, de municípios, de regiões e de estados-nações. Nesse sentido, este tipo de identidade só se concretiza em face de um referente espacial.

Com base nas informações coletadas nas aplicações das atividades aos alunos da escola municipal do Sapé e nas entrevistas com moradores, pudemos observar representações de identidade territorial, mesmo mediante a intensa mobilidade de alguns sujeitos.

Por exemplo, quase a totalidade das crianças afirmou gostar do Sapé, pois, dos 60 alunos, apenas 4 informaram não gostar. Quanto aos que afirmaram não gostar, eles assim expressaram: “só gosto do campo e mais nada” e “não gosto do povo fofoqueiro”. Quanto aos aspectos mais significativos do povoado para eles, as respostas incluíam desde a tranquilidade, a família, os amigos, as festas, até, e principalmente, os referentes espaciais, tratados no capítulo anterior: “gosto da festas, da cultura do povoado e toda a sua história” e “gosto da igreja e da praça”.

Nesse sentido, os alunos tanto escreveram quanto desenharam elementos construídos, presentes nas paisagens do Sapé, a exemplo da escola municipal, do campo de futebol, da estrada, mercearia, da praça, do posto de saúde e da própria casa, abordados como sistemas de símbolos constitutivos da paisagem e do território.

Conforme afirma Haesbaert (2007), os símbolos identitários estão fundamentados na dimensão material do território. Mesmo em face da mobilidade e conexões estabelecidas por alguns moradores, os quais vivenciam a multiterritorialidade, o mesmo autor defende que as identidades são cada vez mais construídas no movimento, ou seja, constituindo as identidades híbridas.

Porém, tanto os moradores que vivenciam a intensa mobilidade quanto os que se mantém quase totalmente reclusos no território, expressam sentimentos de topofilia, Tuan (2012), e perspectivas de permanência, fazendo planos para um futuro pessoal no povoado, demonstrando pertencimento e enraizamento no e com o lugar: “Não penso em sair do povoado. Quero me formar e ser professora da escola do Sapé”.

Dentre os moradores entrevistados, 20 afirmaram gostar do Sapé e 15 informaram projetar um futuro pessoal no povoado Contudo, uma minoria respondeu que deseja que seus filhos permaneçam no povoado, uma vez que se preocupam com os estudos, a oferta de emprego e as condições gerais de vida. Não significa dizer que não gostem do Sapé, ou não desejem permanecer nele, mas que devido às perspectivas para seus filhos e as condições do povoado, eles se sentem obrigados a pensar num futuro dos filhos longe desse território: “Não vejo futuro para os meus filhos aqui no povoado. Falta emprego e cursos. Por isso a gente pensa em sair daqui”.

Os aspectos mais significativos do Sapé apontados pelos entrevistados também abrangem tanto os elementos concretos quanto os elementos abstratos. Dentre os abstratos, podemos mencionar amor, esperança, sossego e amizade. Quanto aos elementos concretos, que se constituem nos referentes espaciais e símbolos identitários, já tão mencionados, como a escola, o posto de saúde, a praça, a igreja, o comércio, o clube e o meio ambiente.

As festas e manifestações culturais também podem ser consideradas símbolos concretos, uma vez que são visíveis e ocupam espaços concretos, mas

têm a particularidade de ocorrerem em momentos específicos. Por outro lado, as festas, embora se manifestem no espaço, o sentido de realiza-las repousa na imaterialidade de sentimentos e significados que dão concretude e sentido em suas materializações. É a herança do resguardo de tradições que explica, por exemplo, o ritual católico à padroeira do povoado, perpassando pela religiosidade e pela fé.

Dessa forma, identificamos os referentes simbólicos ancorados em referenciais materiais e sua dinâmica, ou um *continuum*, como coloca Haesbaert (2007), que abarca tanto as identidades híbridas como as essencializadas. Em movimento, em multiterritorialidades, a socioespacialidade do Sapé se constrói. De singular, tem-se a árvore que mobiliza e remove lembranças, “a minha casa” exposta por tantos, a amizade, o amor e a esperança em dias melhores que são sentidas, representadas e reproduzidas somente por eles, os moradores do Sapé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Heidegger (2009), fenômeno é o que se revela, o que se mostra, o que se refere ao ser dos entes. Um “ente” é tudo o que se dá no mundo. Neste sentido, buscamos refletir sobre as ligações estabelecidas entre os moradores e o povoado Sapé, sobre a construção dessa socioespacialidade. Como dissemos na fundamentação teórica, Souza (2002, p. 96) afirma que “o território está outrossim, presente em toda a espacialidade social – ao menos enquanto o homem estiver presente” transformando a natureza pelo trabalho e criando valor.

A contribuição de dois autores foi fundamental na condução deste estudo. O desvelamento da socioespacialidade do povoado Sapé foi, em sua essência, proporcionado pela ancoragem de dois conceitos: a “convivência secreta” de Bonnemaïson (2002) e o “território híbrido” de Haesbaert (2007).

Bonnemaïson (2002) nos justificou e proporcionou compreender o olhar que as pessoas tem de seu espaço vivido e Haesbaert (2007) a apreender, no *continuum*, o território em processo de reprodução e nele os valores simbólicos e os elementos de sua materialidade que se entrecruzam, que coexistem e se articulam.

Seguindo os manuais de metodologia científica, cremos que nos fundamentamos em autores com relevantes contribuições para a ciência geográfica. Ainda conforme esses manuais, buscamos trilhar algumas das suas leituras, que os levaram a construir este conceito, como Raffestin (1993), Souza (2002) e Massey (1991).

Com base em Bonnemaïson (2002) identificamos os elementos fixos e móveis postos por Raffestin (1993), mas sobretudo, o reflexo visual da relação socioespacial estabelecida pelos moradores do Sapé com seu território. A leitura da paisagem (pela observação, pelos desenhos e entrevistas), mostrou-nos o espaço vivido e a apropriação do território com sentimentos de pertencimento e (re)conhecimento do meu e do nosso: o Sapé.

Com base em Haesbaert (2008) e nas análises de campo, compreendemos que o Sapé é um território híbrido, uma vez que seus moradores têm comportamentos e ligações híbridas, desde os que são fechados e enraizados até os que vivenciam intensa mobilidade, fluidez e desenraizamentos.

Entendemos que o Sapé não seja uma realidade homogênea, ou seja, totalmente enraizado. Fazer esta última afirmação seria retomar a tão criticada geografia tradicional e negar as dinâmicas e mudanças pelas quais a sua

comunidade passa. Seria fechar os olhos ao “pouco” para ressaltar o “muito”, enquanto as novas perspectivas geográficas, especialmente dentro do campo da geografia cultural, valorizam estas “nuances” antes desconsideradas.

Os moradores mais antigos revelam que no passado a ligação entre eles era mais intensa, vivenciada nas festas tradicionais, como as juninas e da padroeira, bem como no cotidiano pacato e seguro, com a figura de “homens da lei”. Este Sapé, embora mantivesse relações com outros espaços, uma vez que se constituiu como estrada de passagem de tropas e mercadorias, caracterizava-se como recluso e essencializado e ainda permanece para alguns.

Atualmente, o povoado se insere nas transformações do mundo pós-moderno, o que nos faz refletir segundo Massey (1991) e a “geometria da compressão de tempo-espaço”. Nesse sentido, identificamos moradores cujos cotidianos são reclusos ao Sapé, com quase nenhuma mobilidade externa. Por outro lado, outros moradores apresentam intensa mobilidade sucessiva e instantânea.

No Sapé, não é possível pela realidade apreendida afirmar que os enraizados “solapam” (Massey, 1991) a mobilidade dos que se conectam e se firmam em outros territórios ou vice-versa. No entanto, afirma-se, pela mobilidade crescente de muitos, sobretudo dos mais jovens, a ocorrência de um nítido processo de multiterritorialização e, portanto, a conformação de um território com características híbridas (Haesbaert, 2008). Observamos, nitidamente, os *insiders* e os *outsiders* (Haesbaert, 2007).

O hibridismo cultural para Haesbaert (2007) está associado à multiterritorialidade e a identidades múltiplas, conforme percebemos no Sapé, uma vez que há vivências reclusas e abrangentes, que vão influenciar no processo de identificação territorial dos habitantes. As identidades são múltiplas e dinâmicas, uma vez que as transformações do mundo contemporâneo afetam os comportamentos de alguns moradores, ligando-os ao Sapé e a outros territórios.

Alguns entrevistados reclamaram da crescente violência supostamente causada por forasteiros, que seria uma das causas do receio e distanciamento entre moradores vizinhos.

Compreendemos que a socioespacialidade é o processo de construção do território, da territorialidade e da identidade. Desse modo, o Sapé foi sendo

configurado como portador de sentidos e significados por seus moradores, ao longo do tempo.

A percepção dos moradores sobre o Sapé reflete a influência do tempo de vivência, dos cinco sentidos, da mobilidade e do contexto atual de vida. Nesse aspecto, os moradores mais antigos nos apresentam o Sapé do passado, sua estrutura, o cotidiano, o comportamento das pessoas e as tradições culturais. Esses revelaram-se caseiros, reclusos ao povoado, em seus cotidianos.

Por outro lado, moradores mais jovens descrevem o Sapé do presente, algumas vezes comparando-o com informações dos mais idosos. Esses vivenciam uma intensa mobilidade, seja física ou instantânea.

Mas, verifica-se que tanto os mais idosos quanto os mais novos destacam aspectos visíveis ou materiais do Sapé, por intermédio do sentido da visão, especialmente quando solicitamos que expressassem o significado do Sapé para eles.

Nesse sentido os sentimentos expressos sobre o espaço vivido, a localidade e a realidade evidenciam as dimensões material e simbólica do território pelo forte sentimento de pertencimento. A maioria dos entrevistados afirmou gostar do Sapé e projetar um futuro neste território. Contudo alguns não consideram a permanência da família, especialmente dos filhos, devido a questões estruturais, ligadas aos estudos e mercado de trabalho.

Consideramos que o Sapé se constitui num território híbrido, formado por atores sociais que, interagindo socioespacialmente, o constroem e reconstroem, com múltiplas territorialidades. Os habitantes, mesmo em face dos avanços tecnológicos e da mobilidade atual, nutrem por ele sentimentos de tofília e de pertencimento, preservando tradições e ancorando geossímbolos. Geossímbolos como a estrada do Sapé, a escola, as árvores, as casas, as praças, o posto de saúde, tão presentes nos mapas mentais e nas falas dos entrevistados, expressando os significados e sentidos do território vivido e percebido.

Entendemos como Rocha (2003, p. 19) que a alma dos lugares, como um povoado, é o povo. Sem o povo um povoado não teria vida, não teria alma. É através da percepção do povo, pertencente a um determinado território, que se pode apreender os sentimentos que deles têm seus habitantes, que se pode apreender os sentidos dos lugares. Nesse contexto, agradecemos ao “povo” do Sapé, na expectativa de que essa pesquisa seja útil para a comunidade como um olhar afetivo sobre a sua história.

BIBLIOGRAFIA

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa (Portugal): Edições 70, [2008]. 281 p. ISBN 9789724415062.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3ª ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

CLAVAL, Paul. Uma, ou algumas abordagem (ns) cultural (is) na geografia humana? In: **Espaços Culturais – vivências, imaginações e representações**. Org.: SERPA, Angelo. Salvador: Edufba, 2008, p. 13 a 29.

CLAVAL, Paul. O território na transição da pós-modernidade. **GEOgraphia** – Ano 1 – nº2 – 1999. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia>>. Acesso em: 28 de maio de 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: **Geografia: conceitos e temas**. Org.: CASTRO, Iná Elias de; COSTA, Paulo Cesar da; CORRÊA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 15 a 44.

GALVÃO, Wilson; KOZEL, Salete. Representação e ensino de geografia: contribuições teórico-metodológicas. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-Go, V.2, n.5, dez/2008, p.33-48. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/article/view/5333>. Acesso em: 11 de abril de 2011.

GÓES, Cristian. Itaporanga – marco de resistência. In: História dos Municípios – **Cinform Município**, 2002, p. 112 à 114.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: **Manifestações da cultura no espaço**. Org.: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. (Série Geografia Cultural)

HAESBAERT, Rogério. Território, poesia e identidade. In: **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais: Entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (Ou: Do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERT, Rogério (Orgs.). Rio de Janeiro: Acesso, 2007.

HAESBAERT, Rogério. Hibridismo, Mobilidade e Multiterritorialidade numa Perspectiva Geográfico-Cultural Integradora. In: **Espaços Culturais – vivências, imaginações e representações**. Org.: Angelo Serpa. Salvador: Edufba, 2008, p. 393 a 419.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

IBGE – Banco de Dados – Cidades – Itaporanga D’Ajuda/Se – 2009. Disponível em: <www.ibge.com.br>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2010.

INFORMAÇÕES BÁSICAS MUNICIPAIS – Município de Itaporanga D’Ajuda (2008).

Disponível em:

<<http://www.emdagro.se.gov.br/modules/wfdownloads/visit.php?cid=1&lid=226>>

Acesso em: 22 de fevereiro de 2010.

KOZEL, Salete. Representação e Ensino – Aguçando o olhar geográfico para os aspectos didático-pedagógicos. In: **Espaços Culturais – vivências, imaginações e representações**. Org.: Angelo Serpa. Salvador: Edufba, 2008.

KOZEL, Salete. **As linguagens do cotidiano como representações: uma proposta metodológica possível**.

Disponível em: <http://egal2009.easyplanners.info/area02/2088_KOZEL_Salete.pdf>

Acesso em: 11 de abril de 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: **O espaço da diferença**. ARANTES, Antonio A. (Org.). Campinas/SP: Papirus, 2000.

MORAES, Antonio Carlos. **Geografia – Pequena História Crítica**. São Paulo: Hucitec, 1999.

RAFFESTIN, Claude. O que é território? In: **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

ROCHA, Lurdes Bertol. **O Centro da cidade de Itabuna: trajetória, Signos e Significados**. Ilhéus: Editus, 2003.

Síntese de Indicadores Sociais – Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira – 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.com.br>> Acesso em 15 de julho de 2010.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: **Geografia: conceitos e temas**. Orgs.: CASTRO, Iná Elias de; COSTA, Paulo Cesar da; CORRÊA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 15 a 44.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.

(Tradução de Livia de Oliveira). Londrina: Eduel, 2012.

ISBN: 978-7216-627-0

APÊNDICES

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
NÚCLEO DE PÓS – GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

PROJETO DE PESQUISA: Território e Identidade: A construção da socioespacialidade no povoado Sapé
– Itaporanga D’Ajuda/SE

PESQUISADORA: Aline Honorio Araujo da Silva Gomes

ORIENTADORA: Dr^a. Maria Augusta Mundim Vargas

Local: Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro Data: ____/____/____

Turma: _____ Turno: _____

Nome: _____

Data de Nascimento: ____/____/____

Local de Nascimento: _____

1) Em qual povoado você mora? Há quanto tempo?

2) Você gosta do povoado? _____

3) O que você mais gosta no povoado?

4) O que você não gosta no povoado?

5) Com quem você mora? (Descreva pais, irmãos, avós, tios, etc. que vivem em sua casa, e se possível a idade deles).

6) Seus pais nasceram no povoado que moram?

7) Você mora em casa ou em sítio? Descreva.

8) Faça um desenho do povoado ou então descreva com suas palavras. O importante é você exprimir no desenho ou na redação “o que o povoado Sapé significa para você”. Caso opte pelo desenho sinalize (destaque) a posição de sua casa.

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Perfil

Sexo: () M () F Idade: () Naturalidade: _____

Tempo de residência: _____ Grau de instrução: _____

FAMÍLIA	LOCAL DE NASCIMENTO	RESIDÊNCIA ATUAL
PAIS		
IRMÃOS Qt. ()		
FILHOS Qt. ()		

OCUPAÇÃO (LINHA DO TEMPO)	SENTIMENTO
INFÂNCIA:	
JUVENTUDE:	
ADULTO:	

1) História – História das pessoas com o lugar – linha do tempo do povoado:

De acordo com o tempo de residência declarado:

- a) Como era a vida no povoado na sua infância/quando mudou-se para cá? (detalhe os fazeres, as manifestações tradições, as casas, o comércio, as atividades agrícolas, o acesso a saúde e educação);
- b) Descreva o povoado atualmente;
- c) O que está melhor? (O que melhorou sua vida?)
- d) O que está pior? (O que você não gosta?)
- e) O que gostaria que tivesse no povoado e ainda não tem?
- f) Você tem saudade de algo que já acabou e já não tem mais, o que e por que?

2) Território – questões sobre cotidiano (manhã, tarde e noite; dias da semana; festas). Especificidades do trabalho (gênero, idade, singularidade, coletividade, assalariado, trabalho urbano ou rural):

- a) De segunda a sexta, o que você faz pela manhã? Como é sua manhã?
- b) O que faz pela tarde?
- c) Como são suas noites e a hora que dorme?
- d) Finais de semana, descreva-os. Sai da rotina, como e o que?
- e) Dias especiais (festas). O que faz? Organiza? Participa, não participa? Qual que mais gosta e qual não gosta?

3) Territorialidade – O lugar e o mundo. Quais são as territorialidades próprias do lugar e do lugar com o exterior, grupos e associações (grupos de igreja, folclore, etc.).

- a) O que necessita no seu dia-a-dia que precisa se deslocar.
- b) Celular, internet, TV, revistas, lan house, jornais.
- c) Transportes.
- d) Conhece outros lugares? Qual é a razão do deslocamento?

- 4) **Perspectivas: projeção do futuro com/no lugar.**
- a) Você pensa em sair do povoado?
 - b) Quais são seus projetos para o futuro?
 - c) Que projetos você pensa para seus filhos?
 - d) Você gostaria que seus filhos permanecessem aqui?
 - e) Você vê perspectivas de crescimento para você e seus filhos aqui no povoado?
 - f) Esse crescimento (caso você perceba ou vislumbre) estaria relacionado a que (comércio, serviços, agricultura, pecuária)?
- 5) **Identidade – Território simbólico. Sentimento de pertencimento; sentimento de topofilia ou topofobia. Símbolos e signos.**
- a) Quais seus sentimentos em relação ao Sapé (o que gosta, não gosta, o que lhe agrada)?
- 6) **Saberes visíveis e invisíveis: Tradicionais e novos, sentimentos, nível de participação.**
- a) Quais os saberes passados pelos seus antepassados em relação a valores, cultura, educação?
- 7) **Fazeres: Materialidade da produção; mudanças; sentimentos.**
- a) Você se envolve em alguma manifestação cultural? Existe?
 - b) Quais manifestações que você mais gosta / admira / aprecia?
 - c) Você acha que essas manifestações são respeitadas no Sapé?
- 8) **Se você fosse um pintor, o que não poderia faltar no seu quadro do Sapé? O que você considera mais significativo?**

APÊNDICE C – EXTRATO DA MATRIZ

Nº	NOME	SEXO		IDADE				
		MAS	FEM	15-20	21-30	31-50	51-70	>70

NATURALIDADE													TEMPO DE RESIDENCIA			
SAPE	ARACAJU	ITAPORANGA	ITABAIANA	SERTÃO	LAGARTO	SACO	TAPERA	SANTA ROSA	05 - 10 ANOS	11 - 20 ANOS	21 - 40 ANOS	> 40				

INSTRUÇÃO													LOCAL DE NASCIMENTO												
FUNDAMENTAL			MÉDIO			SUPERIOR			PAI																
									ITABAIANA	ITAPORANGA	LAGARTO	BOQUIM	SANTA ROSA DE LIMA	ARACAJU	SERTÃO	POV. GRAVATÁ	UMBAÚBA	SACO	SAPÉ	S/R					

MÃE

ITAPORANGA	LAGARTO	CUMBE	SANTA ROSA DE LIMA	POV. COLÉGIO	SERTÃO	POV. GRAVATÁ	SACO	CARIRA	RIO GRANDE DO NORTE	RIBEIRÓPOLIS	S/R
------------	---------	-------	--------------------	--------------	--------	--------------	------	--------	---------------------	--------------	-----

IRMÃOS

ITABAIANA

TAPERA

SAPÉ

LAGARTO

SACO

SERTÃO

POV. GRAVATÁ

SANTA ROSA DE LIMA

ITAPORANGA

ARACAJU

RESIDENCIA ATUAL															
FILHOS						PAI									
LAGARTO	ARACAJU	SAPÉ	ITABAIANA	ITAPORANGA	S/R	ARACAJU	CAMPOS	GENIPAPO	SACO	SAPÉ	CARIRA	POV. GRAVATÁ	ITAPORANGA	ITABAIANA	S/R

MÃE

ARACAJU

SAPÉ

GENIPAPO

SACO

RIO GRANDE DO NORTE

LAGARTO

ITAPORANGA

POV. GRAVATÁ

S/R

IRMÃOS													FILHOS			
ARACAJU	GENIPAPO	SANTOS	RIO GRANDE DO NORTE	SÃO PAULO	FREI PAULO	LAGARTO	ITAPORANGA	SAPÉ	SAPÉ	ARACAJU	SÃO PAULO	S/R				

OCUPAÇÃO								
INFANCIA					JUVENTUDE			
ESTUDAVA	BRINCAVA	AFAZERES DOMÉSTICOS	TRABALHOS DIVERSOS	ROÇA	SENTIMENTOS		ESTUDAVA	TRABALHAVA
					BOA LEMBRANÇA	LEMBRANÇA DIFÍCIL		

OCUPAÇÃO										
JUVENTUDE				ADULTO						
SENTIMENTO				ESTUDA	DO LAR	TRABALHO	S/R	SENTIMENTOS		
BOA LEMBRANÇA		LEMBRANÇA DIFÍCIL						BOM	DIFÍCIL	S/R

FAZERES				MANIFESTAÇÕES						
ROÇA	VIDA PACATA	RENDA	LENHA	FESTAS JUNINAS	CAVALGADA	VAQUEJADA	GRUPOS FOCLORICOS	DESFILE CÍVICO	FORRO PÉ DE SERRA	PADROEIRA

ORGANIZAÇÃO

RUAS PIÇARRA

CASAS DE TAIPA

S/ÁGUA

S/ENERGIA

MÉDICO

S/ESCOLA

CAMINHÃO/CARROÇA

BODEGA

CAPELA

ORGANIZAÇÃO								
PAVIMEN.	ALVENARIA	ÁGUA	ENERGIA	ESCOLA	LINHA/MOTO	COMÉRCIO	IGREJA	POSTO SAÚDE

MELHOROU										
RUAS	CASAS	ÁGUA	SERVIÇOS	ENERGIA	ESCOLA	SAÚDE	TRANSPORTE	COMÉRCIO	FESTAS	RENDA

PIOROU						
SEGURANÇA	DESEMPREGO	FESTAS	COMPORTAMENTO	SAÚDE	POLÍTICA	MEIO AMBIENTE

O QUE FALTA									
POSTO POLÍCIAL	INDUSTRIA	CURSOS	EMPREGO	CASA LOTERICAS	ACADEMIA DE GINÁSTICA	ESPAÇO PARA FESTAS	HOSPITAL	FAMÁRCIA	ANTENA DE CELULAR

SAUDOSISMO

SOSSEGO

UNIÃO

RESPEITO

MICAREME

VAQUEJADA

FESTAS JUNINAS

GRUPOS FOCLORICOS

CURSOS NO CENTRO SOCIAL

FESTA DA PADROEIRA

NENHUM

MANHÃ												TARDE					
AFAZERES DOMESTICOS	TRABALHO FORA DE CASA	GINÁSTICA	ROÇA	DESCANSO	AFAZERES DOMESTICOS	TRABALHO FORA DE CASA	ROÇA	ESCOLA	VISITAS A FAMILIARES OU AMIGOS	BORDADO	ASSISTE TV						

NOITE											FINAL DE SEMANA				
FICA EM CASA	TRABALHO	ESTUDA	IGREJA	ASSISTE TV	VIAJA	LAZER	COMÉRCIO	PRAÇA	FEIRA	FICA EM CASA					

DIAS ESPECIAIS

FESTA DA PADROEIRA

FESTEJOS JUNINOS

CAVALGADA

CARNA SAPÉ

NATAL

VAQUEJADA

DESFILE CÍVICO

S/R

DESLOCAMENTOS								LUGARES QUE CONHECE						
ÔNIBUS	MOTO	CARRO	BICICLETA	TAXI	CAVALO	TRATOR	CARROÇA	SERGIPE						
								ARACAJU	LAGARTO	SALGADO	ITAPORANGA	ESTANCIA	ITABAIANA	LARANJEIRAS

LUGARES QUE CONHECE

OUTROS ESTADOS

MOTIVAÇÃO

BAHIA	RIO DE JANEIRO	ALAGOAS	SÃO PAULO	S/R	OUTROS	TRABALHO	ESTUDO	LAZER	SAÚDE	COMPRAS	RELIGIOSOS	OUTROS
-------	----------------	---------	-----------	-----	--------	----------	--------	-------	-------	---------	------------	--------

MEIOS DE COMUNICAÇÃO													
MEIOS DE COMUNICAÇÃO				SENTIMENTOS		ASPECTOS MAIS SIGNIFICATIVOS							
TV	CELULAR	REVISTAS JORNAIS	INTERNET	GOSTA	NÃO GOSTA	ESCOLA	PRAÇA	POSTO DE SAÚDE	POSTO POLICIAL	IGREJA	RODOVIA	AÇOUGUE	PARQUE DA VAQUEJADA